

Universidade federal de Santa Catarina
Departamento de Ciências Econômicas
Curso de graduação de Ciências Econômicas

A PESCA ARTESANAL NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA:
ANÁLISE DA COLÔNIA DE PESCADORES DE INGLESES EM
FLORIANÓPOLIS (SC)

VANESSA DA SILVA SABINO

FLORIANÓPOLIS

2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS - CSE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS - CNM

**A PESCA ARTESANAL NO MODO DE PRODUÇÃO
CAPITALISTA: ANÁLISE DA COLÔNIA DE PESCADORES
DE INGLESES EM FLORIANÓPOLIS (SC).**

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para aprovação na disciplina CNM5420 - Monografia

Por Vanessa da Silva Sabino

Orientador: Prof.Dr. Gilberto Montibeller Filho

Área de pesquisa: Economia Ambiental

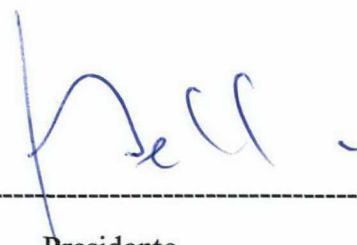
Palavras-chave: 1 - Pesca artesanal
2 - Pesca Industrial
3 - Produção Capitalista

Florianópolis, Dezembro de 2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS - CSE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS - CNM

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 8,5 a aluna **VANESSA DA SILVA SABINO** na disciplina CNM5420 - Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:



Presidente

Prof.Dr.Gilberto Montibeller Filho

Membro

Profa. Márcia Machado



Membro

Prof.Dr.João Serafim Tusi da Silveira

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido chegar aonde cheguei

Aos meus Pais e minha irmã, por todo amor, apoio e compreensão nos momentos mais difíceis

Aos meus familiares por todo apoio e incentivo

Ao professor Gilberto Montibeller Filho, pelo apoio e orientação deste trabalho

Ao coordenador estadual de pesca do IBAMA, Vitor Dutra, que muito contribuiu para a execução deste estudo

Aos Amigos

SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS	vii
LISTA DE GRÁFICO	viii
LISTA DE TABELAS	ix
RESUMO	x
CAPÍTULO I.....	11
1 - INTRODUÇÃO.....	11
1.1 – Problemática.....	11
1.1 - Objetivos	13
1.2.1 - Objetivo Geral.....	13
1.2.2 - Objetivos Específicos	13
1.3 – Metodologia	14
CAPÍTULO II	15
2 - Referencial Analítico da Atividade Pesqueira.....	15
2.1 - A Pesca: Aspectos Gerais e Conceituais	15
2.2 - A Evolução da Pesca Mundial.....	16
2.3 - A Pesca no Brasil	17
2.4 – Atividades Pré-capitalistas e Modo de Produção Capitalista	18
2.5 - A Pesca no Modo de Produção Capitalista.....	20
CAPÍTULO III.....	26
3 - A Atividade Pesqueira no Estado de Santa Catarina	26
3.1 - O Povoamento do Litoral Catarinense e suas Relações com a Pesca	26
3.2 - Evolução da Pesca em Santa Catarina.....	28
3.3 -A Pesca Artesanal em Santa Catarina.	33

CAPÍTULO IV	36
4 - A Pesca Artesanal no Distrito de Ingleses.....	36
4.1 - Considerações Iniciais.....	36
4.2 - A Pesca no Distrito de Ingleses	38
4.3 - A Pesca da Tainha no Distrito de Ingleses	41
4.4 - Os Tipos de Embarcações e Apetrechos de Pesca.....	42
4.5 - A Comercialização do Pescado	45
4.6 - O Perfil dos Pescadores da comunidade de Ingleses	46
4.7 - Relações entre a Atividade da Pesca e o Turismo em Ingleses	50
4.8 - A Reserva Biológica Marinha do Arvoredo e a Questão da Pesca Predatória.....	53
4.9 - A Pesca em Ingleses inserida no Modo de Produção Capitalista:uma síntese	54
CAPÍTULO V	56
5 - Considerações Finais.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
ANEXOS	64

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 01: Questionário aplicado aos Pescadores Artesanais da Comunidade de Ingleses.....	65
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Grau de Escolaridade dos Pescadores de Ingleses	47
GRÁFICO 02: Faixa Etária dos Pescadores de Ingleses	48

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Desembarque controlado por classe de pescado em Santa Catarina no período de 1984/1995.....	29
TABELA 02: Desembarque controlado de pescado em Santa Catarina por frota - 1984/1997.....	29
TABELA 03: Principais espécies pescadas no setor industrial em Santa Catarina	30
TABELA 04: Principais espécies pescadas no setor artesanal em Santa Catarina	30
TABELA 05: Principais comunidades pesqueiras artesanais catarinenses.....	35
TABELA 06: Tipologia e quantidade de redes no Distrito de Ingleses	43
TABELA 07: Tipos de embarcações da Praia de Ingleses	44
TABELA 08: Preço do pescado na rede de comercialização.....	46
TABELA 09: Renda dos Pescadores de Ingleses.....	48
TABELA 10: Moradia dos pescadores de Ingleses.....	48
TABELA 11: Atuação dos pescadores na pesca artesanal e na pesca industrial	49
TABELA 12: Indicação dos pescadores as gerações futuras para o trabalho na pesca	50

RESUMO

No presente trabalho, busca-se fazer um estudo da atividade pesqueira artesanal no Distrito de Ingleses, na região Norte do município de Florianópolis, a partir de uma análise geral de todo processo de transformação e de desenvolvimento da pesca. A pesca surgiu como atividade complementar à agricultura, e com o aumento da comercialização torna-se a principal atividade econômica. Quando surgem novos e sofisticados aparelhos pelo crescimento da maquinaria dado o avanço tecnológico, a pequena pesca mercantil artesanal perde espaço para a produção em grande escala.

Nesse contexto, faz-se uma relação deste processo de desenvolvimento do setor da pesca (onde ocorre a decadência da produção artesanal da pesqueira associada à ascensão da grande pesca industrial), com o modo de produção capitalista, onde o homem artesão deixa de ser um trabalhador autônomo fixado no trabalho individual e torna-se um trabalhador direto destituído dos meios de produção, tendo que vender sua força de trabalho para garantir sua subsistência.

Procura-se esclarecer que, como em outros setores da economia no modo de produção capitalista, também na pesca na medida em que esta se desenvolve, do lado do capital há uma grande concentração dos meios de produção e do lado da força trabalho pescadores que constituem um mercado de trabalho cujas características são a instabilidade do emprego e a super exploração. Pode-se constatar durante a pesquisa que, a exploração da força de trabalho se faz concomitantemente à destruição gradativa das forças produtivas da natureza. O desaparecimento de inúmeras espécies de pescados, em princípio se dá não somente pela sobre pesca, facilitada pela introdução do maquinismo e técnicas cada vez mais predatórias, mas também pela degradação do meio ambiente.

No estudo de caso feito sobre a localidade de Ingleses, procura-se inserir nesta realidade, a atividade pesqueira artesanal dos pequenos pescadores da comunidade que também sofrem o processo de transformação da pesca, e portanto as mesmas conseqüências deste processo.

CAPÍTULO I

1 -INTRODUÇÃO

1.1 - Problemática

As transformações ocorridas no setor pesqueiro através da divisão social da produção: a pesca, enquanto captura de recursos marinhos, a escala de produção, o processo de acumulação do capital, e o desenvolvimento das relações sociais da divisão do trabalho do setor pesqueiro, apresentam os pontos importantes destacados neste estudo.

A transição da economia artesanal para a economia industrial, e o surgimento da produção empresarial-capitalista, as formas distintas de organização da produção, a relação produção valor, concentração de capital, distribuição de renda na economia artesanal e industrial, num contexto geral do modo de produção capitalista, se fazem necessários como objeto deste estudo, para compreender e atingir os objetivos da referida pesquisa. A partir desta análise geral, voltada para o processo de evolução e das transformações do setor da atividade pesqueira como um todo, torna-se foco de estudo, a pesca artesanal no Distrito de Ingleses, na região Norte do município de Florianópolis, e os aspectos que influenciaram no seu desenvolvimento: a concorrência da pesca industrial (pesca predatória), os outros setores da economia que se articulam e estão interligados à pesca, como por exemplo, o turismo, entre outros aspectos como os incentivos de órgãos do governo ligados ao setor pesqueiro, e questões ambientais.

Neste sentido, o estudo de caso que será feito no distrito de Ingleses, tratará de todos estes tópicos relacionados a pesca artesanal, uma vez que esta ainda se faz presente na economia da região, apesar de ameaçada ao total desaparecimento.

Até praticamente a década de 40, a população de Ingleses, tinha como principal atividade econômica e geradora de renda a agricultura, e a pesca como atividade complementar. As pequenas unidades familiares da região dispunham de quantidades significativas de lotes de terra, adquiridas pelo poder de posse. Como eram grandes as

dificuldades financeiras, as famílias venderam estas terras para pequenos e grandes empresários da época, a preços relativamente baixos, o que facilitou muito para que mais tarde, fossem construídos os grandes hotéis e restaurantes que passaram a explorar uma nova atividade que surge na década de 70, o turismo, juntamente com as transformações na infra-estrutura da região. Como alternativa de renda, a pesca torna-se, então, atividade econômica principal da população de Ingleses, com o desenvolvimento da região e as transformações tecnológicas ocorridas no setor pesqueiro.

Todavia, os pescadores artesanais da Praia dos Ingleses, encontravam cada vez mais dificuldades para desenvolver sua atividade. A quantidade de pescados tornava-se menor, e seus equipamentos de pesca, apesar de terem se aperfeiçoado com a chegada da tecnologia, se tornavam rudimentares diante da modernização dos equipamentos da pesca industrial.

Com o desenvolvimento de outros setores econômicos promovidos pela atividade turística, entre os quais o setor de serviços, novas e variadas oportunidades de trabalho vem diversificando a oferta de emprego para os moradores da localidade. Entretanto, ocorrem problemas com a permanência da mão-de-obra no trabalho (sazonalidade do emprego), bem como com os níveis dos salários que se apresentam bem menores.

Dentro deste enfoque, a problemática do presente trabalho se vincula as dificuldades encontradas na pesca artesanal do Distrito de Ingleses para se desenvolver e continuar como atividade econômica. Qual as expectativas do setor pesqueiro, como fonte de renda e como meio de subsistência para a população dos pescadores artesanais? Quais as dificuldades dos pescadores para se adequar ao novo mercado de trabalho? Quais as alternativas para esta população que conhece e vive da pequena pesca? Partindo do geral para o particular, esta problemática se estende, e ganha destaque no estudo de caso apresentado no quarto capítulo.

1.2. Objetivos

1.2.1 - Objetivo Geral

- Estudar o setor da pesca artesanal, a partir de um contexto geral do modo de produção capitalista e, dentro desta análise, fazer um estudo de caso sobre a pesca artesanal na Praia de Ingleses.

1.2.2 - Objetivos Específicos

- Relacionar a pesca artesanal à concorrência da pesca empresarial-capitalista (industrial) fazendo uma comparação das características e da capacidade produtiva destas duas formas de organização do setor da pesca;

- Verificar quais os principais aspectos que influenciaram na evolução da pesca artesanal de Santa Catarina, desde a sua colonização até os dias atuais;

- Analisar a pesca artesanal em Ingleses, destacando o impacto da pesca industrial e as transformações promovidas pela atividade turística e pelo desenvolvimento da infra-estrutura, na localidade.

1.3. Metodologia

Para analisar a pesca artesanal, dentro de um contexto geral no modo de produção capitalista, no presente trabalho, foi feito inicialmente um levantamento de dados de fontes secundárias através de livros, jornais, revistas e também informações junto a órgãos relacionados com a pesca como o IBAMA e a EPAGRI. Partindo do geral para o particular, utilizando o *método histórico-dedutivo*, buscou-se fazer, a princípio, um estudo sobre o setor da pesca, e um estudo sobre a concorrência da pesca industrial e sobre outros aspectos gerais e conceituais que impactaram no desenvolvimento do setor da atividade pesqueira em nível mundial, no Brasil e em Santa Catarina. Portanto, a fundamentação teórica é a que possibilita esclarecer a relação de uma atividade pré-capitalista artesanal, inserida num sistema de industrialização, e neste sentido está enfocado o estudo de caso sobre a praia dos Ingleses, razão pelo qual o trabalho precisa detalhar acerca deste aspecto.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo com visitas a órgãos governamentais, sindicatos e outros ligados a pesca, elaboração de questionários, realizações de entrevistas com os embarcados da região que trabalham na pesca artesanal e já trabalharam também na pesca industrial. A pesquisa foi realizada na colônia de pesca da Praia de Ingleses que possui aproximadamente 90 pescadores, e dentro deste universo, foram selecionados aleatoriamente 46 pescadores para serem entrevistados, e relatarem informações sobre o dia-a-dia do pescador de Ingleses, sobre os apetrechos de pesca por eles utilizados, sobre as embarcações, sobre a comercialização do pescado, etc. Assim buscou-se, verificar o processo de evolução da pesca inserido no modo de produção capitalista, e as barreiras encontradas pela pesca artesanal na localidade.

CAPÍTULO II

REFERENCIAL ANALÍTICO DA ATIVIDADE PESQUEIRA

2.1. A pesca: aspectos gerais e conceituais

A pesca é uma atividade exercida ao longo de enseadas, estuários, portos, braços de mar, lagoas e quaisquer outras bacias de água salgada ou salobra, que se comuniquem com o mar durante uma parte do ano ou durante todo o ano. Como atividade econômica, a pesca pode ser dividida em duas categorias:

- a) Pesca artesanal
- b) Pesca industrial

A pesca é artesanal quando exercida diretamente por pescador autônomo, com meios de produção próprios, sozinho, com auxílio de familiares ou ainda, em regime de parceria com outros pescadores denominados “camaradas”. As embarcações da pesca artesanal não possuem área coberta para armazenamento do pescado capturado (porão), ou seja, sem nenhum tipo de conservação de pescado a bordo, tendo conseqüentemente, pouca autonomia de mar. As embarcações mais utilizadas são: caíque, bateira, baleeira, botes, etc, com capacidade variando entre 0,5 a 10t.

Os pescadores artesanais empregam uma grande variedade de petrechos de captura, tais como: fisga, caniço, linha de fundo, espinhal de fundo, tarrafa, coca, redes de espera, arrastão de praia, cerco flutuante, arrastão de portas para camarão etc.

A pesca industrial é a exercida com o auxílio de embarcações de mais de 20 toneladas de Arqueação Bruta (20TAB) de pequeno, médio, e grande porte, com maior raio de ação e autonomia de mar, que varia de 6 a 40 dias de operação. Entre as principais embarcações pode-se classificar: arrasto de portas, arrasto de parelha, traineiras (mais utilizada na pesca da sardinha etc.).

No setor da pesca industrial, os produtores que operam a frota e os outros tripulantes são pescadores especialmente contratados para a captura do pescado.

2.2 - A Evolução da Pesca mundial

A atividade pesqueira começou a ser bastante desenvolvida no Mar do Norte e no Báltico por volta dos séculos XI e XII, com a pesca do arenque em larga escala, tornando-se uma das principais fontes de riquezas na Europa por um longo tempo. Os holandeses tiveram grande importância na produção pesqueira mundial na Idade Média, na medida em que dominavam a pesca do arenque, e depois a partir do século XVII, dominavam também a pesca da baleia, que também foi uma das principais pescas na Idade Média.

Com o progresso da ciência e tecnologia, e conseqüentemente com a modernização e sofisticação dos aparelhos e embarcações, atualmente a pesca torna-se cada vez mais eficiente e mais predatória.

Segundo o Boletim Estatístico da FAO, existem hoje, opiniões de que a produção pesqueira mundial pode ser consideravelmente aumentada, porém, também já existem opiniões que previnem contra um otimismo exagerado devido ao fato de que, em algumas zonas marítimas, já se observa uma exploração exaustiva dos recursos existentes e, em outras regiões, já se alcançou o limite ótimo justificável da exploração pesqueira. O máximo de produtividade natural do mar e das águas continentais está estimado em 100 a 250 milhões de toneladas métricas anuais, supondo-se que as condições econômicas e naturais permitem elevar a produção pesqueira mundial, até o final do século, ao redor de 100 milhões de toneladas métricas. No entanto, outros consideram a produção acima desta cifra simplesmente utópica.

O Boletim Estatístico da FAO, Órgão das Nações Unidas, divulgou que a produção mundial em 1990, entre peixes, crustáceos e moluscos, atingiu 97.245.700 toneladas métricas. Aparecem por ordem crescente: a China (12%), a Rússia e o Japão (11%), Peru (7%), USA (6%), Chile (5%), Índia (4%) e os demais países pesqueiros com os restantes 44%. Isto quer dizer que estamos atingindo o limite máximo sustentável.

Em linhas gerais, a produção pesqueira mundial está próxima ao seu limite máximo de produtividade, na medida em que, com as transformações ocorridas no setor

pela evolução tecnológica, onde a pesca deixa de ser pequena produção mercantil, extinguindo a pesca artesanal e passa a ser produção em larga escala, torna-se ao mesmo tempo mais eficiente e bastante desenvolvida tecnologicamente, passando a explorar as águas internacionais em busca do aumento da produção de pescado, e também mais predatória, comprometendo o seu desenvolvimento e sua produção de forma sustentada.

2.3. A Pesca no Brasil

No Brasil, a atividade pesqueira até o ano de 1930, era realizada nos moldes da pequena produção mercantil, e ao longo do litoral brasileiro os pescadores combinavam a pesca com a agricultura. Após ter passado por vários órgãos de incentivo à pesca, foi criada em 1962 a SUDEPE – Superintendência de Desenvolvimento da Pesca. Em 1967, foi promulgado, através de uma política adotada pelo Governo Federal, o Decreto-Lei nº 221, onde foram criados programas de incentivos fiscais para aumentar os investimentos privados na pesca, aumentando a produção, e transformando a atividade da pesca em uma indústria de base.

Apesar de não obter os resultados esperados, a partir desses incentivos fiscais, o setor da pesca, na década de 70, conheceu um aumento na produção desembarcada de pescado no Brasil.

A política de incentivos fiscais significou acesso fácil aos investimentos, e isso atraiu vários empresários para o setor pesqueiro. Depois de alguns anos, após o início da política de incentivos fiscais, muitas empresas que entraram no setor pesqueiro faliram. Em Santa Catarina ocorreu o maior número de falências, acompanhada por São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Houve uma queda acentuada da pesca artesanal na produção total de pescados no Brasil. A pesca artesanal foi perdendo espaço para a pesca industrial no total da produção.

As regiões Sul e Sudeste receberam uma das melhores infra-estruturas para o desenvolvimento da pesca, que oferecia melhores condições para a descarga da produção e também para o abastecimento dos barcos pesqueiros ao retornarem em alto mar.

Além da grande devastação dos recursos pesqueiros costeiros provocados pelas grandes indústrias de pesca e da acumulação de capital, que fez com que tais indústrias tomassem conta do setor, a pequena pesca sofreu sérios problemas nas regiões sul e sudeste tais como a urbanização das praias e áreas de mangues e a especulação imobiliária. As regiões norte e nordeste não sofreram tais problemas, devido a razões naturais e históricas, porém somente a pequena pesca sobreviveu com mais facilidade nessas regiões, pois as suas condições climáticas e seus ecossistemas não favoreceram em muito a pesca industrial.

2.4. Atividades pré-capitalistas e modo de produção capitalista

Conforme Maurice Dobb (1963), Sombart buscou a origem do capitalismo no desenvolvimento de estados de espírito e de comportamentos humanos conducentes a existência de formas e relações econômicas características do mundo moderno. Em algum momento do passado remoto o espírito capitalista deve ter existido em estado embrionário, antes de qualquer empreendimento capitalista poder tornar-se realidade. O homem pré-capitalista era um “homem natural” que concebia a atividade econômica, para satisfazer suas necessidades naturais. Ao contrário, o capitalista, diferente do homem natural, vê na acumulação de capital o motivo dominante da atividade econômica.

Max Weber considera o capitalismo presente, onde quer que a provisão industrial para as necessidades de um grupo humano, seja executada pelo método de empresa, e um estabelecimento capitalista racional como um estabelecimento com contabilização do capital, e usou a expressão espírito do capitalismo, para descrever a atitude que busca o lucro racional e sistematicamente.

Marx, não buscava a essência do capitalismo num espírito de empresa nem no uso da moeda para financiar uma série de trocas com objetivo de ganho, mas num determinado modo de produção. Ele não se referia apenas ao estado da técnica ao que chamou de estágio de desenvolvimento das forças produtivas, mas ao modo pelo qual se definia a propriedade dos meios de produção e as relações sociais entre os homens que

resultavam de suas ligações com o processo de produção. Desse modo, o capitalismo não era apenas um sistema de produção para o mercado, mas um sistema sob o qual a própria capacidade de trabalho se tornara uma mercadoria era comprada e vendida como qualquer outro objeto de troca. O pré-requisito para o capitalismo era a concentração da propriedade, dos meios de produção nas mãos de uma classe, que consistia numa pequena parte da sociedade, e o aparecimento conseqüente de uma classe destituída de propriedade, para o qual a venda da sua força de trabalho era a única fonte de subsistência.

Para Marx, existem na economia elementos como valor, valor de uso, valor de troca, compra, venda, dinheiro, lucro, capital, que não caracterizam a produção capitalista, porém são pré-condições para sua formação. O elemento único que vai então caracterizar o modo de produção capitalista, que vai organizar a sociedade capitalista é a relação entre os proprietários dos meios de produzir riqueza e os não-proprietários, é a existência de homens que não possuem meios de produção para sua subsistência e que precisam vender sua força de trabalho para sobreviverem.

Segundo Marx, na economia pré-capitalista os homens são independentes, livres, autônomos, proprietários do produto do seu trabalho. A mercadoria na economia pré-capitalista é pré-condição do capital (passa pelo dinheiro para chegar ao capital). Na economia capitalista, os homens vão ser proprietários privados dos meios de produção e se relacionam pela compra e venda da força de trabalho.

Na economia pré-capitalista, o artesão e o camponês são trabalhadores diretos, donos dos meios de produção e não há controle social do trabalho e da natureza, não há divisão do trabalho. Na indústria capitalista, ocorre a concentração do trabalho e dos meios de produção, o trabalho não é mais individual e ocorre a separação do trabalhador direto dos meios de produção.

Quanto mais se desenvolve o modo de produção capitalista, mais os meios de produção se concentram nas mãos dos grandes capitalistas, do produtor, que compra a força de trabalho do trabalhador, e devolve apenas uma parcela do produto do seu trabalho, e a outra parcela portanto seria o lucro do capitalista. A acumulação capitalista pressupõe a mais-valia. É a transformação do excedente em novo capital (se produz mais-valia com capital, e se produz capital com mais valia).

Na medida em que se concentram os meios de produção, diminuem os custos da produção, e esta conseqüentemente aumenta. Há um controle total da produção, e amplia-se o espaço para produzir, ao mesmo tempo em que o trabalhador direto perde seu espaço.

Com a industrialização, com o aumento da maquinaria, aumenta também a produtividade do trabalho coletivo, aumenta a capacidade produtiva dos homens, e o lucro do proprietário capitalista também aumenta. Com o aumento da potencialidade do trabalho pela maquinaria, o trabalhador leva menos tempo para produzir, portanto sobra mais tempo para este produzir mais riqueza para o capitalista.

2.5. A pesca no modo de produção capitalista

Segundo Mello (1985), desde as comunidades tipicamente indígenas, nós temos uma ‘profissionalização’ do pescador. O mesmo índio que pesca, caça. A pesca não se constituía a única atividade econômica, mas era complementar da caça.

Historicamente, a pesca artesanal era praticada como complemento da atividade agrícola das famílias de lavradores que situavam-se nas zonas costeiras do oceano. A urbanização dessas áreas destituiu esta característica das populações ribeirinhas. Com a falta de espaço para as atividades agrícolas, estas comunidades passaram a se dedicar exclusivamente à atividade pesqueira.

Portanto, a atividade da pesca, já era exercida desde as sociedades primitivas, até mesmo antes da agricultura, mas ganhou importância como atividade econômica quando conheceu um grande avanço na comercialização do pescado, principalmente a partir da Idade Média.

No século XIX, as inovações tecnológicas (barco à vapor, barco motorizado, mecanização e automação dos equipamentos de pesca) e as transformações técnicas ocorridas na captura e na industrialização do pescado, refletiram-se nas organizações dos

processos de produção, nas próprias relações de produção e também nas organizações da força de trabalho.

Com as transformações técnicas que se realizaram no setor da pesca, dentro de um processo de concentração do capital, torna-se cada vez mais evidente a separação do trabalhador direto dos meios de produção na grande indústria. A remuneração tradicional feita pelo sistema de partes destes pescadores, é substituída pela remuneração mediante pagamento de salário mensal ou semanal.

Com a chegada do Europeu em busca das especiarias aqui no Brasil, é que vai surgir a figura do pescador-lavrador, ou seja, aquele que vai utilizar os recursos naturais (lagos, mar, terra) para produzir para seu próprio sustento, na medida em que faz a troca de peixe, por outras mercadorias de sua necessidade. Porém, não tendo ainda a atividade pesqueira como atividade exclusiva, mas sim como complementar à lavoura.

Com a exploração dos europeus, logo irão surgir os centros comerciais, vilas e cidades, e com a comercialização, a atividade pesqueira passa à tornar-se gradativamente uma atividade não só voltada para a subsistência, mas também para a venda do peixe. E com a comercialização se intensifica também a especialização da atividade pesqueira. E dentre os fatores que irão permitir uma revolução comercial no setor pesqueiro, está a introdução do motor nas embarcações, que vai caracterizar a comercialização intensiva no setor. A partir do crescimento dos centros urbanos e das transformações tecnológicas, vão se dar também as transformações na atividade pesqueira, onde a figura do pescador vai se caracterizar na medida em que este passa a se dedicar única e exclusivamente a este tipo de atividade econômica.

Nem toda área onde a pesca vem sendo praticada com objetivos de venda existe uma produção pesqueira em moldes capitalistas, não desconhecendo apesar disso, a influência capitalista na economia de certas localidades, mas a nível de comércio. É preciso distinguir o processo de produção quando unidade do processo de trabalho e do processo de produzir valor simplesmente, do processo produtivo quando unidade do processo de trabalho e do processo de produzir mais-valia. O primeiro é simplesmente um processo de produção de mercadorias, enquanto o segundo, sendo também produtor de mercadorias, efetua-se sob a forma capitalista, ou seja, serve de acumulação para aquele que então é dono dos meios de produção graças à exploração do trabalho excedente não pago aos pescadores. (Mello, 1985, p.49)

Até as transformações tecnológicas se sucederem no setor da atividade pesqueira, o pescador, antes de se tornar proletário, era produtor independente de suas mercadorias, e se preocupava exclusivamente em produzir para sua própria subsistência. Mesmo com o início da comercialização no setor, muitos pescadores voltavam-se para a venda do peixe, e produziam para sua subsistência, sendo eles mesmos donos de seus instrumentos de trabalho tradicionais de pesca. Todavia, a acumulação capitalista estava impedida de existir uma vez que predominassem esses instrumentos tradicionais de pesca, e as embarcações primitivas, não havendo a separação do trabalhador direto, dos meios de produção.

O grande fator condicionante para o modo de produção capitalista tornar-se dominante no setor da atividade pesqueira, foi o avanço tecnológico. E com esse avanço, surge a concorrência no meio pesqueiro entre os donos dos meios de produção. Os pescadores artesanais se vêem destituídos do controle dos meios de produção, uma vez que não conseguem acompanhar as mudanças técnicas no setor.

O fato de apenas alguns possuírem meios de produção permitiu que com o surgimento de novas necessidades provenientes da 'urbanização', passassem a utilizar o trabalho daqueles que só contavam com sua força de trabalho (...) O trabalho dos sem meio passou a ser fonte geradora de mais-valia, já que os donos dos instrumentos passavam a impor uma maior produção aumentando a jornada de trabalho com o objetivo de diferirem lucros que permitissem aumentar os negócios pela compra de novos meios de produção. (Mello, 1985, p.61)

O “Patrão” que tinha o controle da produção, e era dono dos meios de produção, é a figura dos primeiros capitalistas que surgem no setor pesqueiro. No modo de produção capitalista, “Patrão” e pescador se defrontam dentro do processo de produção. O “Patrão” é o possuidor dos meios de produção, do capital, e o pescador “trabalhador direto” é o possuidor da força de trabalho, que será explorada pelo capital para obtenção de lucro. O trabalhador direto se separa dos meios de produção, e o não-trabalhador, possuidor desses meios de produção explora a força de trabalho.

A alteração do modo artesanal de produção da pesca pelo modo industrial, onde a máquina passa a ter primazia sobre o elemento humano, representará uma espécie de golpe que dará o capital nesta 'última posse' do pescador – o que lhe havia restado do modo de produção tradicional. Em consequência, pode-se afirmar que a dominação torne-se mais completa e radical: o trabalho em si (a

condução do processo de trabalho) é agora posse real do capital, que passará a ditar inclusive a forma e a maneira (modo, duração e ritmo de trabalho) pela qual ele será exercido. (Mello, 1985, p.161)

Com o processo de aprimoramento das máquinas de “modernização” da produção, todo o setor da atividade pesqueira se submete ao capital. A industrialização e mecanização estabelecem a efetiva dominação do modo de produção capitalista no setor da atividade pesqueira. Este processo vai representar exclusivamente, os interesses econômicos dos capitalistas, que vão ter o total controle da produção.

O desenvolvimento das forças produtivas no setor pesqueiro, a partir das transformações, e da inserção do modo de produção capitalista, implicou na progressiva destruição da pesca artesanal, e conseqüentemente a mão-de-obra liberada pela pesca artesanal foi utilizada como força de trabalho para serem exploradas nas grandes empresas pesqueiras. Essa exploração da força de trabalho se fez concomitantemente à destruição das forças produtivas da natureza.

Ainda, a sobre pesca facilitada pela introdução do maquinismo e técnicas cada vez mais avançadas, constituiu fator condicionante para o desaparecimento de inúmeras espécies de pescado, provocando desequilíbrios ecológicos consideráveis, atingindo assim o processo de produção e reprodução do setor.

A destruição das forças da natureza em ecossistemas aquáticos extremamente produtivos, como os lagunares e estuários, atinge primordialmente os pequenos pescadores, os quais, dados os equipamentos relativamente pouco predatórios e embarcações de pequena autonomia que empregam, tiram daí os seus meios de subsistência.

Diegues (1983) vai constatar que a produção pesqueira assume algumas formas possíveis e algumas subformas:

- a) a produção pesqueira de auto-subsistência, ou primitiva;
- b) a produção pesqueira realizada dentro dos moldes de produção mercantil e,
- c) a produção pesqueira capitalista.

No interior da pequena produção mercantil há duas subformas: a) a pequena produção familiar dos pescadores-lavradores; e b) a pequena produção dos pescadores artesanais.

Na produção pesqueira capitalista, Diegues (1983), destaca duas formas: a produção dos armadores de pesca e a produção das empresas de pesca.

A pesca de “auto-subsistência ou primitiva” seria a praticada pelas tribos indígenas e realizada por pequenos grupos humanos, como atividade aliada à caça e à pequena lavoura.

A pesca da produção mercantil tem como principal característica, a comercialização do pescado. Pressupõe uma certa divisão do trabalho que ocorre dentro da unidade familiar. Os pescadores são produtores diretos, donos dos meios de produção bastante tradicionais e precários. Na forma de produção mercantil simples: a produção dos pescadores lavradores, a pesca é uma atividade ocasional, sendo predominante a atividade agrícola.

Na forma de produção mercantil dos pescadores artesanais, a pesca é a principal atividade econômica, voltada fundamentalmente para o comércio. O pescador artesanal utiliza embarcações motorizadas e ele pode ser o dono dos meios de produção, das embarcações, ou ser apenas um simples tripulante, que trabalha com os donos das embarcações, e recebe a sua parte no final do período da pesca.

Na produção dos armadores, destacam-se os proprietários de mais de uma embarcação. Eles não participam das atividades de captura. Para dirigir suas embarcações contratam um “mestre de barco”, que dirige os outros embarcados (motoristas, cozinheiros, homens do convés). Não há ainda a introdução do “maquinismo”, e a remuneração da força de trabalho se faz pelo sistema de partes.

Na produção empresarial capitalista, a pesca atinge o seu maior grau de aperfeiçoamento em termos tecnológicos. Surgem as grandes empresas de pesca que definem os setores de captura, industrialização e comercialização do pescado. A remuneração da força de trabalho se dá pelo regime de salário mensal ou semanal, podendo os pescadores, receberem também, uma porcentagem sobre o valor global da produção.

A pesca, no modo de produção dos pescadores artesanais, representa uma ruptura com a pequena pesca dos pescadores - lavradores, que era apenas ocasional, e aliada à agricultura com o meio de subsistência. A pescaria dos pescadores artesanais com baleeiras e canoas motorizadas permite o arrasto, técnica mais predatória do que a normalmente utilizada pelos pescadores lavradores ou pescadores-agricultores.

Ainda, os pescadores artesanais vão possuir um maior raio de ação no mar, em relação aos pescadores que utilizam somente as canoas a remo. No entanto, ambos vão utilizar o conhecimento adquirido ao longo de anos de experiência, que é passado de geração em geração.

As duas formas de produção, são subformas da pequena produção mercantil, como classifica Diegues (1983), e o são, por possuírem características como: a) o pescador é dono dos meios de produção; b) o pescador tem o controle do processo de trabalho; c) há uma reduzida divisão do trabalho e um fraco desenvolvimento das forças produtivas. Diferentemente da produção capitalista, onde há uma total separação entre os trabalhadores e os meios de produção, e há a presença de um não trabalhador – o capitalista, que impõe as condições de produção e reprodução da atividade pesqueira, para a obtenção do lucro.

Na pequena produção dos pescadores artesanais, a relativa dispersão dos instrumentos de trabalho nas mãos dos agentes de produção, o caráter freqüentemente familiar ou de vizinhança da atividade pesqueira, o domínio do segredo da profissão e, conseqüentemente, o fraco desenvolvimento das forças produtivas não comporta a presença de um não-trabalhador ou de um não-pescador. O dono do barco e seus companheiros e camaradas defrontam-se com as condições naturais da produção enquanto produtores diretos. Na medida em que o camarada não vende a sua força de trabalho, tampouco é um assalariado. (Diegues, 1983, p.259)

Na produção dos armadores capitalistas já aparece a figura do não-trabalhador, isto é, aquele que não sai para o mar. Eles não participam das atividades de captura, à frente das quais colocam um ou mais prepostos, ou mestres, segundo o número de embarcações de que sejam proprietários.

CAPÍTULO III

A ATIVIDADE PESQUEIRA NO ESTADO DE SANTA CATARINA

3.1. O povoamento do litoral catarinense e suas relações com a pesca

A Ilha de Santa Catarina, onde situam-se importantes cidades que desenvolvem a atividade pesqueira do litoral catarinense, como Florianópolis, Laguna, Garopaba, Imbituba, São Francisco do Sul, teve o seu povoamento a partir das atividades pesqueiras, principalmente a pesca da baleia, desenvolvida pelos colonizadores açorianos.

Com o interesse da coroa portuguesa em estabelecer na Ilha de Santa Catarina a retaguarda de suas pretensões no Rio da Prata, esta região, outrora escassamente ocupada e um simples ponto de escala de embarcações portuguesas que se dirigiam ao Rio Grande de São Pedro e Colônia de Sacramento, teve seu povoamento promovido e incentivado, favorecendo a expansão geográfica das feitorias brasileiras que só atingiam esta área depois de estabelecida a capitania, em 1738, quando José da Silva Paes, o primeiro governador empreendeu a fortificação e promoveu a ocupação do litoral. Por volta de 1740 à 1742, juntamente com a construção das fortificações de Santa Cruz, na ilha de Anhatomirim, de Ponta Grossa, na Barra do Norte da Ilha de Santa Catarina, e da ilha de Rationes, associado a obra de povoamento e defesa do litoral catarinense, estabeleceu-se na costa o primeiro núcleo baleeiro, situado numa enseada próximo à entrada da baía, ao norte da ilha de Santa Catarina, no distrito de Freguesia de São Miguel e ao norte da fortaleza de Nossa Senhora da Piedade.¹

O trecho que compreendia o litoral catarinense, situado nas extremidades da então colônia portuguesa, não parecia ter grandes atrativos para os colonizadores portugueses, que estavam preocupados em explorar, principalmente, as áreas agrícolas onde a produção canavieira pudesse se desenvolver.

Somente com o povoamento do litoral Catarinense, em função da obra das “bandeiras colonizadoras” é que se consolidou a produção agrícola na região, onde o primeiro núcleo de povoamento importante, foi o de São Francisco do Sul, onde se desenvolveram as produções de cana-de-açúcar, algodão e mandioca, sendo que a atividade pesqueira se desenvolveu de forma complementar, e como economia de

¹ Projeto resgate e otimização / embarcações artesanais do Sul BRASIL: 1990

subsistência. Mais tarde, outra bandeira colonizadora se instala no litoral central da Ilha de Santa Catarina, povoando assim a região de Desterro, atual Florianópolis, e paralelamente ocorre também, a povoação de Laguna.

Nestes núcleos de povoamento as principais atividades econômicas eram a agricultura e o pequeno comércio externo, e deste participavam também produtos extraídos da pesca. As levas de imigrantes italianos e alemães que também ocupavam áreas litorâneas em Santa Catarina, tiveram uma grande parcela estimuladora na atividade pesqueira, por se constituírem consumidores de seus produtos.

Portanto, a pesca teve início no Estado no século XVII, com o processo de colonização do litoral pelas comunidades pesqueiras européias que se fixaram em 1658 na Vila de Nossa Senhora do Rio São Francisco, atualmente São Francisco do Sul, posteriormente em Nossa Senhora dos Anjos da Laguna (1676), hoje Laguna, e Nossa Senhora do Desterro (1679), atualmente Florianópolis.²

As dificuldades que defrontaram aos habitantes, foram imensas, a ponto de considerarmos o malogro de alguns povoados como resultado inevitável. Saint-Hilaire fornece-nos relatos que indicam, em meados do século XIX, as precárias situações entre os ilhéus açorianos (...) Os obstáculos foram tão numerosos como intensos, para que os núcleos açorianos se desenvolvessem em ritmo seguro. (Lago, 1961, p.143)

A agricultura requeria técnicas e conhecimentos do mundo tropical, e a criação, de gado enfrentava problemas ecológicos e de outras ordens, não podendo também formar a base econômica. Restava, apenas ao colono açoriano, a atividade na qual ele já era familiarizado – A Pesca.

Os açorianos então, introduziram os processos de pesca, e com experiências indígenas, desenvolveram-na, abandonando quase que inteiramente as práticas agrícolas.

² Proteção e controle de ecossistemas costeiros: manguezal da Baía de Babitonga (1998).

Muitas localidades que foram colonizadas por açorianos, foram mais tarde abandonadas, porém muitas outras originaram vilas e cidades como as atuais: Tijucas, Palhoça, São José, Porto Belo entre outras.

Os colonizadores açorianos guardaram a mesma organização, mantendo-se precariamente da pesca diária, da pequena lavoura e da indústria de farinha, tendo sua ocupação definitiva no litoral da Ilha de Santa Catarina.

3.2.Evolução da pesca em Santa Catarina

Nos últimos anos a produção de pescado em Santa Catarina, tem se motivado nos mesmos níveis, com fraco incremento no esforço de pesca. A diminuição relativa das capturas vem provocando o empobrecimento e o mau desempenho nas indústrias do ramo.

Em Santa Catarina, na região próxima ao limite de 200 milhas, em maiores profundidades, existem recursos pesqueiros dimersais (espécies que vivem próximo ao fundo do mar) não explorados, que poderão incrementar substancialmente as capturas do Estado. Para tanto, são necessários modernização da frota pesqueira, e melhoria na qualidade de mão-de-obra.

A produção pesqueira de Santa Catarina, segundo dados do Boletim Técnico nº 97 da EPAGRI, tem-se mantido historicamente próxima ao patamar das 100 mil toneladas anuais. As oscilações mais discrepantes são provocadas pelo desembarque da sardinha, produto cuja performance reflete sensivelmente no volume total.

A tabela abaixo, mostra as principais classes de pescado desembarcadas em Santa Catarina no período de 1984 a 1995, onde podemos observar que a produção de peixes é predominante, seguida da produção de crustáceos e moluscos, respectivamente.

Tabela 01 - Desembarque controlado por classe de pescado em Santa Catarina no período de 1984/1995 (em kg)

ANO	CLASSES			TOTAL
	PEIXES	CRUSTÁCEOS	MOLUSCOS	
1984	87.976.010	8.668.842	474.736	97.119.588
1985	114.683.585	5.690.276	564.203	120.938.064
1986	102.815.494	4.431.177	1.209.376	108.456.057
1987	63.593.110	3.485.932	816.979	67.896.021
1988	69.853.693	4.314.447	1.096.265	75.260.405
1989	76.902.491	5.430.783	613.669	82.946.943
1990	70.082.066	3.137.209	522.204	73.741.479
1991	84.055.803	2.001.117	825.696	86.882.616
1992	81.986.799	1.587.657	466.030	84.040.486
1993	99.542.245	3.025.495	1.034.367	103.602.107
1994	119.965.452	2.951.778	694.640	123.611.870
1995	77.413.677	3.142.456	675.514	81.231.140

Fonte: CEPESUL/IBAMA(1994) , CEPEME/IBAMA (1997) e BRANCO & REBELO (1994).

Na tabela a seguir , pode-se constatar que a pesca industrial participa com 90% no total de pescado desembarcado em Santa Catarina, sendo apenas 10% de responsabilidade da pesca artesanal.

Tabela 2 - Desembarque controlado de pescado em Santa Catarina por frota – 1984/97 (em kg)

ANO	FROTA		TOTAL
	INDUSTRIAL	ARTESANAL	
1984	69.400.400	27.719.188	97.119.588
1985	101.830.387	19.107.677	120.938.064
1986	97.480.642	10.975.405	108.456.047
1987	58.721.971	9.174.050	67.896.021
1988	64.182.609	11.077.796	75.260.405
1989	71.749.651	11.197.292	82.946.943
1990	64.500.937	9.240.542	73.741.479
1991	80.867.401	6.015.215	86.882.616
1992	77.413.106	6.627.380	84.040.486
1993	97.694.440	5.907.667	103.602.107
1994	115.313.722	8.298.148	123.611.870
1995	75.182.059	6.049.081	81.231.140
1996	95.589.687	7.958.804	103.548.491
1997	118.278.634	9.045.396	127.324.030

Fonte: Boletim Técnico n° 97 EPAGRI.

A atividade de pesca em Santa Catarina, seja industrial ou artesanal é praticada durante todo ano. Com as mais diferentes formas de exploração (modalidades de pesca), o setor industrial captura cerca de 120 espécies diferentes de pescado e o setor artesanal aproximadamente 90 espécies.

As tabelas a seguir, especificam algumas das principais espécies pescadas pelo setor industrial e pelo setor artesanal, respectivamente, e época de captura.

Tabela 3 - Principais espécies pescadas pelo setor industrial

NOME	ÉPOCA DE CAPTURA
Sardinha verdadeira	Março a maio / setembro e dezembro
Bonito listrado	Todo ano (pique em outubro / março)
Corvina	Todo ano
Castanha	Todo ano (pique maio a novembro)
Palombeta	Todo ano
Pescada olhuda	Todo ano (pique julho a outubro)
Pescada real	
Sardinha laje	Abril a agosto
Chicharro	Todo ano (pique agosto e outubro)
Albacora laje	Todo ano

Fonte: Boletim Técnico EPAGRI, nº 97

Tabela 4 - Principais espécies pescadas pelo setor artesanal

NOME	ÉPOCA DE CAPTURA
Corvina	Todo ano
Espada	Todo ano
Camarão de sete barbas	Fevereiro a junho
Tainha	Maior a junho
Cações	Maior a outubro
Abrótea	Maior a outubro
Papa-terra	Todo ano
Manjuba	Meses de inverno
Berbigão	Todo ano

Fonte: Boletim Técnico EPAGRI, nº 97

Nos desembarques ocorridos em 1997 na pesca industrial, predominou o volume de peixes, sendo a sardinha-verdadeira, seguida, respectivamente, pelo bonito-

listrado, as espécies com maior volume de produção, sendo a produção destes o principal fator responsável pelo volume desembarcado de peixes em Santa Catarina, segundo Informe da Pesca Extrativa Marinha em Santa Catarina – 1997. A produção industrial continuou representando quase a totalidade (92,90%) do pescado desembarcado em Santa Catarina .

Na pesca industrial catarinense, os municípios com destaque na produção de pescado são, respectivamente, o município de Itajaí, com 78.913t, seguido por Navegantes, com 30.870t, Laguna, com 3.201t, Porto Belo, com 2.875t, Passo de Torres, com 1.701t, Florianópolis com 716t. Na pesca artesanal, o município de Laguna foi o principal ponto de desembarques no Estado com 3.055t, seguido, respectivamente, por Florianópolis, com 1.904t, Itapoá, Aranguá, São Francisco do Sul, Bombinhas, Jaguaruna, Itapema, Balneário Camboriú, Palhoça. No ano de 1997, a pesca artesanal produziu cerca de 7,10% da produção estadual (informe da Pesca Extrativa Marinha em Santa Catarina – 1997). Na produção da pesca artesanal catarinense, o volume desembarcado de moluscos e crustáceos, sobressai sobre o volume de peixes, ao inverso da pesca industrial.

Na atividade de pesca em Santa Catarina, o principal insumo é o óleo diesel – combustível e lubrificante, participando com cerca de 50% do custo de produção. As indústrias adquirem óleo diretamente das companhias petrolíferas e o setor artesanal, nos postos de combustível.

O rancho, ou alimentação da tripulação, utilizado pela frota artesanal, é adquirido diretamente em supermercados. Os insumos como fios, cabos e bóias, necessários à manutenção das redes de pesca, são satisfatoriamente produzidos nas indústrias catarinenses e atendem plenamente à demanda do setor.

Na modalidade de pesca de atuns com varas, atividade em plena ascensão, cuja produção é toda destinada à exportação, o principal insumo utilizado é a isca-viva, ou seja, o juvenil de sardinhas, capturada em ambientes marinhos. Esta prática tem gerado descontentamento e conflitos no setor pesqueiro em função do impacto ecológico causado e do descumprimento da legislação que proíbe a captura de indivíduos jovens.

Quanto ao processo de comercialização, processamento e industrialização, a produção da pesca artesanal catarinense é totalmente voltada ao mercado interno (Estado). Já na pesca industrial, somente 10% do total desembarcado é destinado ao mercado interno, sendo que a maior parte passa por um processo de beneficiamento, ou industrialização, antes de chegar ao consumidor.

A comercialização do pescado, na pesca artesanal, ocorre principalmente na forma: “in natura”, onde o produtor vende o peixe diretamente ao consumidor. Na pesca industrial a maior parte do pescado passa pelo beneficiamento e industrialização resultando em: congelados inteiros, em postas e filés, enlatados, salmouras e salgados.

A primeira comercialização do pescado, oriunda da pesca artesanal, dá-se através de negociações diretas entre o proprietário da embarcação e o comprador, conhecido como pesqueiro, como atravessador ou pombeiro. Este pode vender diretamente ao consumidor, no caso de mercados públicos, supermercados etc.

Na pesca industrial, a produção capturada é descarregada na indústria proprietária das embarcações. O valor do pescado é previamente acertado entre a empresa e a tripulação do barco que, além de assalariada tem participação na produção. Quando a embarcação é de propriedade de armadores, a negociação da venda do pescado é normalmente feita entre o armador e os compradores.

De acordo com dados fornecidos pela Federação dos Pescadores de Santa Catarina, há no Estado cerca de 25 mil pescadores profissionais (artesanal + industrial) associados às 23 colônias de pescadores. Este contingente, somado à parcela dos pescadores não-associados, que segundo estimativa chega à aproximadamente 5 mil, perfaz um total de 30 mil pescadores profissionais que tem na atividade de pesca seu único e principal meio de vida.

Segundo o Boletim Técnico nº 97, da EPAGRI, os recursos humanos envolvidos na frota industrial são em torno de 3 mil pescadores. Já nas fábricas de pescado tem-se um total de cerca de 2.500 operários na área de produção (descarga, beneficiamento e industrialização) e 350 lotados na administração, com uma mão-de-obra flutuante de aproximadamente 800 pessoas. Agrega-se a este contingente humano uma significativa

força de trabalho, empregada nas empresas de construção naval, indústrias de redes e insumos diversos para a atividade de pesca: cabos, bóias, ferragens etc., no transporte e no comércio de pescado.

A pesquisa pesqueira em Santa Catarina, como em todo Brasil, é altamente deficiente e não atende sequer as necessidades mais elementares do setor. Para toda região Sudeste e Sul, o IBAMA, através do Centro de Pesquisas e Extensão Pesqueira – CEPSUL, realiza alguns trabalhos voltados principalmente para o acompanhamento biológico de algumas espécies e a tecnologia de captura dirigida ao setor industrial. Na área artesanal, apesar da grande necessidade de se buscar novas alternativas de captura, mais eficientes e menos danosas ao meio ambiente, nada se realiza em Santa Catarina.

Em função do comprometimento dos estoques pesqueiros, a assistência técnica ao setor artesanal tem dirigido esforços para o desenvolvimento de alternativas de produção através da maricultura, tanto no processo produtivo como na organização dos produtores. Também tem se desenvolvido ações junto às colônias de pescadores buscando a solução dos problemas da categoria.

3.3. A Pesca artesanal em Santa Catarina

Santa Catarina possui uma costa litorânea com uma extensão de 561,4 km sendo 7% de todo o litoral brasileiro. A linha litorânea catarinense abrange áreas localizadas em 27 municípios sendo destacados os mais conhecidos, como São Francisco do Sul, Itajaí, Balneário Camboriú, Florianópolis e Laguna.

Santa Catarina possui um alto grau de desenvolvimento na atividade pesqueira, sendo destacada como uma das principais produtoras de pescado do Brasil. A pesca artesanal em Santa Catarina é responsável apenas por 10% do pescado desembarcado no Estado e se concentra mais na captura de crustáceos e moluscos. Nota-se no Estado, uma grande queda na atividade pesqueira artesanal, com grandes conseqüências sociais. E também, um grande deslocamento de pescadores para outras atividades que lhe possibilitem formas alternativas de renda.

Lago (1968), classificou as comunidades pesqueiras artesanais catarinenses em quatro grupos:

- a) Comunidades em que há predomínio da modernização dos equipamentos e aproveitamento do produto;
- b) Onde ocorre a intensificação da comercialização do pescado, mas as formas de aproveitamento são as tradicionais;
- c) Comunidades com pouca mudança nas condições de trabalho, ausência de estabelecimentos de transformação do produto e baixo nível de renda dos pescadores;
- d) Locais onde permanecem os utensílios e embarcações tradicionais com baixa produção.

Existem três tipos de pesca no Estado: pesca industrial empresarial, pesca artesanal motorizada e a pesca artesanal a remo.

As lagoas e as baías possuem importante função na reprodução dos peixes que alimentam os pescadores catarinenses, uma vez que peixes, como tainha e anchova, fazem parte deste grupo de peixes e pescados no litoral que utilizam destes berçários para se reproduzirem.

São quatro os principais tipos de embarcações utilizadas na pesca artesanal catarinense:

- 1) Canoa: pequena embarcação primitiva, feita do tronco de uma árvore;
- 2) Baleeira: embarcação empregada na pesca de baleia; possui a popa e a proa embicada, e o fundo é arredondado, sua construção é feita com madeira escamada;
- 3) Bateira: embarcação pequena e sem quilha;
- 4) Bote: embarcação de porte pequeno ou médio que utiliza velas ou motor, sua proa é embicada e a popa chata, e o fundo é em forma de V.

A seguir apresenta-se a tabela 5, onde se destacam as 5 maiores comunidades de pescadores artesanais profissionais, nos municípios de SC, que tem na pesca, a principal atividade econômica, entre um total de aproximadamente 970 pescadores.

Tabela 5 - Principais comunidades pesqueiras artesanais catarinenses

COMUNIDADES PESQUEIRAS	Nº PESCADORES	PESCAS EXERCIDAS	PERCENTUAL EM RELAÇÃO AO TOTAL
Santo Antônio de Lisboa / Sambaqui	220	Camarão e espécies diversas	22,68%
Barra da Lagoa	160	Corvina, enchova, tainha e espécies diversas	16,49%
Pântano / Armação do Pântano do Sul	160	Corvina, enchova, tainha e espécies diversas	16,49%
Ribeirão da Ilha / Tapera	127	Camarão, cocoroca e diversos	13,09%
Lagoa da Conceição	80	Corvina, enchova, tainha e camarão	8,24%

Fonte: A Pesca Artesanal em SC (2000) – Kleyton Anderson Vaso / Brites das Chagas Filho.

Os pescadores artesanais catarinenses utilizam os mais diversos petrechos, e das mais diversas maneiras de pesca, que podem ser através de redes de malhar (caceio, volta ou espera), redes de caça e malha, cercos flutuantes, arrastões de praia, arrastos de portas, redes de tresmalho (feiticeira), tarrafas, pescarias de linha de anzol. Armadilhas, coletas manuais, arrasto de camarão (rede de puçá, coca, picaré, gerival), entre outras.

O regime de trabalho na pesca artesanal é o de parceria, sem vínculo empregatício. A distribuição da renda ao final de um período de pesca estabelecido – semanal, quinzenal, mensal ou safra – é feita de acordo com as partes que cabem a cada pescador. De um modo geral, após deduzidas todas as despesas, o proprietário tem direito à 50% da renda total e os tripulantes à outros 50% que dividem entre si de forma hierárquica. A comercialização da produção é realizada pelo proprietário que, em geral, é o dono (patrão) da embarcação, sem a participação do restante da tripulação.

Apesar de toda resistência, os estaleiros artesanais estão desaparecendo gradativamente nas comunidades pesqueiras catarinenses. Os pescadores artesanais que trabalham em pequenas embarcações vivem marginalizados, sem nenhum incentivo, tendo dificuldade na comercialização do seu pescado, e dependente economicamente dos “atravessadores”.

CAPÍTULO IV

A PESCA ARTESANAL NO DISTRITO DE INGLESES

4.1. Considerações iniciais

O Distrito de Ingleses do Rio Vermelho se situa na região Norte da Ilha de Santa Catarina, no município de Florianópolis, e foi criado pelo Decreto Lei de 11 de agosto de 1831 da Câmara Municipal de Florianópolis. O Distrito é parte da antiga freguesia de São João do Rio Vermelho, daí o nome do Distrito ser Ingleses do Rio Vermelho.

Segundo moradores da região, a denominação de Ingleses, provém do fato de um barco de nacionalidade inglesa ter ancorado na região, devido à uma forte tempestade. Esta embarcação teria encalhado em frente à ilha Mata-Fome, e muitos dos tripulantes da barca ficaram na praia com suas famílias e passaram a viver da pesca e da agricultura. A partir daquele acontecimento, a praia passou a ser conhecida como a “Praia dos Ingleses”.

Existe também no Distrito, a Praia do Santinho. Este nome foi dado pela comunidade de Ingleses devido ao fato de existir numa das pedras da praia, a figura de um homem gravada pelos índios. Esta pedra foi, então, batizada pelos moradores da região de “Santinho”, e daí então, posteriormente, a denominação “Praia do Santinho”. No costão norte, podem ser observados ainda hoje, figuras e símbolos (hieróglifos) gravados nas pedras pelos índios Carijós, que habitavam a praia inicialmente.

A comunidade de Ingleses, recebeu grande influência da cultura açoriana, a qual caracterizou a colonização da Ilha de Santa Catarina. Os açorianos transferiram valores culturais, apetrechos de pesca, técnicas de captura do pescado, que estão presentes ainda nos dias atuais nas comunidades pesqueiras de Santa Catarina.

Até a década de 40, a população de Ingleses, vivia praticamente isolada, sem infra-estrutura de meios de transporte, distante do centro da cidade. Na década de 60, a construção de um trecho rodoviário que dava acesso à Praia do Santinho, trouxe

modificações na infra-estrutura da região, e na década de 70, com a construção das rodovias SC-401 e 403, foi definido um novo sistema de transporte coletivo, dando acesso a comunidade para o centro urbano, atraindo à partir daí os primeiros turistas para a localidade de Ingleses.

Um fato marcante na década de 60, era a predominância da população feminina em relação à masculina, em razão de parte dos pescadores emigrarem para outros Estados, como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo (especialmente para Santos), ou para outros municípios de Santa Catarina, em busca de trabalho. Destes, 90% eram pescadores, que iam para pescar em localidades específicas, e os 10% restantes, procuravam profissões alternativas, como padeiro, cozinheiro, garçom etc.

Em 04 de dezembro de 1962, o Decreto-Lei nº 531, cria o distrito de São João do Rio Vermelho, desmembrando-o do Distrito de Ingleses do Rio Vermelho, promovendo assim uma redução na população, na década de 70 do distrito.

Na década de 70, a Praia de Ingleses, passa por um processo de transformação local, com a intensificação da atividade de construção civil, com a entrada dos turistas, aliados aos processos de investimentos estatais em saúde (postos de saúde), estradas e rodovias, energia elétrica, telefonia e educação.

Na década de 70, altera-se a relação masculino/feminino, com um novo efetivo predominantemente masculino que entra na comunidade, atraído por novas perspectivas de trabalho. A partir de 1970, seguido das transformações sócio-econômicas da população, da melhoria da qualidade de vida dos moradores da comunidade (energia, saneamento, postos de saúde, transporte), ocorrem transformações demográficas: queda na taxa de mortalidade infantil e adulta, diminuição do número de filhos por casal, entrada de trabalhadores na comunidade e de veranistas que passaram a se instalar definitivamente como moradores, contribuindo assim para promover o crescimento populacional local.

Segundo o censo de 1980, que traz os resultados da década de 70, a comunidade vê sua população aumentar em 34,08%, com taxa média de crescimento anual de 3,4%. Já na década de 80, a população sofre um aumento de 117,51% e a taxa média anual é de 11,75%.



Praia dos Ingleses mostrando a especulação imobiliária (hotéis, restaurantes, bares, etc), e o fluxo turístico.

A população do Distrito dos Ingleses no início da década de 90, aumenta o dobro em relação a 1980. As características, modo de vida, do efetivo populacional que passa a se fixar na comunidade predominam e alteram as características dos moradores nativos locais. (IBGE, 1980).

A atividade pesqueira entra em declínio, e não é mais dominante na região. Os meios de produção tradicionais (canoas, botes, ranchos etc.) tornam-se cada vez mais escassos. Com a urbanização, as canoas dão lugar aos botes motorizados, e a pesca artesanal começa a desaparecer. Os pescadores que até então trabalhavam com seus próprios meios de produção tradicional, passam a trabalhar para aqueles que possuem embarcações motorizadas.

4.2. A pesca no Distrito de Ingleses

Na década de 50, existiam aproximadamente 47 ranchos bem próximos um dos outros na Praia de Ingleses, e também eram encontrados 3 ranchos de pesca na Praia do Santinho, sendo estes usados apenas na safra da tainha, pois nessa praia os pescadores não praticavam a rede de arrastão de praia, pois a mesma não servia como ponto de descarga de pescado por ser perigosa, de mar grosso.

Os ranchos feitos de madeira cobertos com telha, e alguns com palha, eram grandes e tinham capacidade para guardar duas ou mais embarcações, além dos apetrechos de pesca, redes, etc.

No final da década de 70, verifica-se que menos da metade dos ranchos existentes resistiram ao processo de declínio da pesca artesanal. Analisando o período de 1950 até os dias atuais, pode-se observar que houve uma grande diminuição na quantidade de ranchos de pescadores, hoje bastante escassos na Praia de Ingleses, como em outras comunidades pesqueiras próximas no norte da Ilha. Os que ainda existem são mantidos em áreas de preservação, e alguns dos pescadores usam esses ranchos para passar a temporada de verão, quando alugam suas residências.

Além de diminuírem de tamanho, abrigando apenas um caíque e sua rede, nos dias atuais a maioria dos ranchos existentes na Praia dos Ingleses (apesar de se encontrar ainda alguns ranchos antigos, porém poucos), principalmente os que se encontram próximos a hotéis, pousadas, restaurantes, casas que exploram a atividade turística, foram modernizados, e em geral, são de alvenaria e cobertos com novas telhas. No verão ainda funcionam como bares e/ou restaurantes, quando os pescadores não utilizam como moradia na temporada de verão.

A Praia dos Ingleses assume atualmente, um novo perfil, quando se pode observar no sentido leste-oeste um grande aumento no número de casas, hotéis, destinadas ao uso residencial de verão. A aglomeração na parte leste (principalmente) da praia, reflete um novo padrão de ocupação voltado para fins residenciais, comerciais e de prestação de serviços, sendo que muitos desses estabelecimentos encontram-se em áreas de preservação permanente.

O ano de 1942 foi um ano muito marcante para a comunidade de pescadores da Praia dos Ingleses. Este ano, é conhecido por eles como o ano da “safra rica”. Segundo os pescadores, foram capturados durante a “safra”³ 1.200.000 tainhas, sendo que o maior “lanço”⁴ foi de 105.000. Os pescadores pararam de capturar tainha pois não tinham mais como comercializa-la. Segundo eles, naquele ano houve uma grande enchente no Rio Grande do Sul, e por causa da enchente, saiu da Lagoa dos Patos (RS) grande quantidade de tainhas, o que resultou numa abundante população da espécie ao longo do litoral Sul. Conforme os pescadores, existiam na praia dos Ingleses 33 redes de tainha, e mais 7 na praia do Santinho, num total de 40 redes na comunidade, e essas redes eram pequenas, três vezes menos do que o tamanho das atuais. Todas as comunidades pesqueiras que possuíam redes de tainha, também capturaram grande quantidade do pescado.

Nas décadas de 40 e 50, os pescados, principalmente tainha, anchova e sardinha, eram comprados por intermediários locais, e estes os vendiam para outras comunidades vizinhas e até mesmo para outros municípios.

³ “Safra” – época de captura de determinada espécie de pescado.

⁴ “Lanço” – termo do linguajar técnico popular usado pelos pescadores do sul do Brasil para indicar “cercar com a rede”.

Os intermediários locais compravam os pescados capturados pelos pescadores e os levavam em suas baleeiras, com propulsão a vela, para outras comunidades. Muitas vezes, os próprios comerciantes vinham pegar o pescado na comunidade de Ingleses. Os intermediários locais eram pescadores e possuíam equipamentos de pesca, e por isso, tinham facilidade em comprar e comercializar o produto.

Na década de 60, com o crescimento da atividade pesqueira, alguns intermediários locais passaram a comercializar o produto, não só “in natura”, como também semiprocessado. Naquele período funcionavam na comunidade, três salgas que atuaram entre 5 a 12 anos. As salgas empregavam em média 100 pessoas, que eram pagas por produção e não tinham vínculo empregatício com a empresa, pois trabalhavam sazonalmente, somente quando havia peixes para limpar, salgar e encaixotar. Na maioria eram mulheres e crianças que trabalhavam nas salgas, cabendo aos homens a captura do pescado.

A primeira salga foi fundada em 1962, e funcionou até 1974. Esta exportava peixes para Canelinha (SC), São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. As outras duas salgas foram fundadas, uma em 1963, outra em 1964 e foram desativadas em 1968. Ambas pararam de funcionar devido à fiscalização, pois na época a SUDEPE, exigia que as salgas fossem de alvenaria, com as paredes internas cobertas com azulejos, e as duas eram feitas de madeira.

Naquela época, mesmo com a produção de pescado em ascensão, muitos pescadores saíram para outros Estados em busca de uma maior fonte de renda. Grande parte deles, iam pescar no estado do Rio Grande do Sul, e outros restantes iam para São Paulo, principalmente para Santos, trabalhar como cozinheiro, garçom etc. Os que foram para Santos, conseguiram colocar seus próprios negócios (bar, padaria, lanchonete etc.) naquele município. Com a renda que muitos ganharam fora do Estado, voltaram para a comunidade de Ingleses e montaram seus negócios na região. Outros ainda, sem sucesso, voltaram para Ingleses, e continuaram na atividade pesqueira artesanal. Houve casos, (apesar de poucos), de pescadores que trabalharam embarcados em barcos industriais em outros Estados, e tornaram-se “mestres” de barco, sendo hoje proprietários de grandes embarcações.



Colônia de pescadores da Praia dos Ingleses



Rancho e apetrechos dos pescadores de Ingleses

4.3. A pesca da tainha no Distrito de Ingleses

Entre as décadas de 40 e 70, existiam na praia dois proprietários de embarcações e redes que eram destinados à pesca da tainha. Eram eles considerados como “coronéis” locais: o senhor Gentil Mathias da Silva e o senhor José Fernandes da Silva. Segundo os pescadores, ambos tinham fortes influências políticas, e tomavam como regra, o fato de só trabalhar nas redes de tainha comandadas por eles, o pescador que votasse no candidato do partido que os mesmos mandassem. Eram eles que, praticamente, tinham o controle da localidade.

No início da década de 80, uma das grandes sociedades⁵, se uniu acabando com certas intrigas que existiam na localidade durante a safra da tainha. Esse fator de união das sociedades deve-se ao fato de ter diminuído o número de pescadores em busca de vagas para a pesca da tainha em função da morte dos “coronéis”.

Durante o período de safra da tainha, os pescadores que trabalham para os donos das embarcações, denominados “camaradas”, recebem diferentes funções dentro de uma estrutura de hierarquias entre os pescadores, e conforme os encargos, os “camaradas” que recebem algumas denominações que são dadas pelos próprios pescadores: Patrão, Chumbereiro, Remeiro, Vigia, Camaradas Comuns e Ajudantes. A remuneração se diferencia de acordo com as funções e responsabilidades que são determinadas aos pescadores.

O Patrão se destaca no nível mais alto de hierarquia dos pescadores na safra da tainha. É ele que tem todo o comando da “parelha” e de todas as embarcações que saem para capturar o pescado. Em geral o Patrão é proprietário das redes e embarcações, porém, em alguns casos, os proprietários selecionam algum camarada para ser o patrão da “parelha”.

O Chumbereiro, juntamente com os Camaradas Remeiros e o Patrão, tem a responsabilidade de conduzir a canoa até a praia para controlar a embarcação na chegada, na “quebra”, local onde a onda se desfaz. Geralmente o chumbereiro tem uma maior

⁵ “Sociedades” – um determinado número de redes que trabalhavam em conjunto.

atuação nas praias de mar grosso, como por exemplo, a praia do Santinho, e recebe o equivalente à duas partes e meia, ou seja, 2,5 mais do que um camarada comum.

Os Remeiros são em número de 4 à 5 numa canoa, que possui até cinco remadeiras que são ocupadas pelos camaradas. Os remeiros também recebem uma parte maior do que os camaradas comuns, assim como o patrão e o chumbreiro.

O vigia da tainha, como o próprio nome diz, é o camarada que tem a função de vigiar o cardume de peixes. O costão, dunas, ou dentro das embarcações, são os locais escolhidos pelos vigias para localizar o cardume, e juntamente com o patrão, tem o poder de mandar cercar (capturar) o pescado. Esse tipo de “camarada” também ganha uma parte maior em relação aos camaradas comuns, o equivalente à duas partes inteiras. Em alguns casos, o mesmo patrão é também o vigia, e assim recebe uma parte ainda maior.

Os camaradas comuns são aqueles que tem a função de puxar a rede quando a embarcação chega na praia. O que diferencia o camarada comum do ajudante, é o fato de o primeiro fazer parte, permanentemente, da “parelha”, enquanto o segundo tem o mesmo papel de puxar a rede na praia, porém é um trabalhador que aparece somente quando acontece o lanço de um cardume, não tendo necessariamente nenhum vínculo com a parelha e nenhuma ligação com a pesca.

Na época da safra da tainha, as “parelhas” trabalham em média, com 40 à 50 camaradas, e quando termina a safra este número diminui quase 70%. Isto ocorre devido ao fato de muitos moradores que exercem outra atividade, se propõem a trabalhar na pesca na época da tainha. Além disso as “parelhas” atualmente se unem, formando “sociedades” durante a “safra”.

4.4. Os tipos de embarcações e apetrechos de pesca utilizados no Distrito de Ingleses

A seguir apresenta-se uma tabela que especifica os principais tipos de redes utilizadas pela comunidade de pescadores de Ingleses .

Tabela 6 – Tipologia e quantidade de redes no Distrito de Ingleses do Rio Vermelho – 1940/2000

TIPO DE REDE	PERÍODO				
	40/60	60/70	70/80	80/90	90/00
Rede de tainha	40	30	23	19	14
Rede de arrastão	35	23	16	9	0
Rede de anchova	10	20	10	8	16
Rede de cação anjo	0	1	3	0	0
Rede de corvina	5	10	14	16	19
Cerco flutuante	0	0	1	3	8

Fonte: Levantamento de campo: outubro/2000

No período analisado de 1940 a 2000, conforme dados da tabela acima, pode-se verificar que certos equipamentos vão diminuindo o grau de utilidade ao longo do tempo, dando espaço para os equipamentos mais modernos (motorizados) que substituem os aparelhos antigos.

É notória a grande concentração de redes para a pesca da tainha, no período de 40 a 70, pois era a pesca mais atraente em termos financeiros para os pescadores. Ainda hoje, apesar de ter diminuído o número de redes, a pesca da tainha é considerada a mais lucrativa pelos pescadores, nos tempos de safra. As redes de arrastão e de cação anjo, tiveram seu estoque a partir da década de 90 praticamente acabados.

As redes de anchova variam a quantidade, dependendo do volume capturado deste pescado. No período de 1960 a 1970, por exemplo, a comunidade capturou grande quantidade de anchova, e o mesmo acontece na década de 90. Sendo assim, pode-se observar que houve um aumento no volume de redes de anchova nestes períodos.

Atualmente as espécies mais capturadas são a anchova e a corvina, além da tainha que se apresenta em volume abundante, (porém somente nas épocas de safra).

A corvina, ainda mais que a anchova, é mais freqüente nas águas da Praia dos Ingleses, e pode-se verificar, portanto, o aumento do número de redes deste pescado desde



Rede tipo Cerco Flutuante utilizada pelos pescadores artesanais de Ingleses



Embarcação tipo caíque

a década de 40 até os dias atuais. A corvina é capturada durante o ano todo e tem boa aceitação pelos consumidores.

O cerco flutuante é um tipo de rede, em forma de armadilha, que fica fundeada de junho a julho, quando é retirado devido à safra da tainha. Esse tipo de rede é um dos mais produtivos para as parselhas locais. Esse método passou a ser utilizado a partir da década de 70, e vem aumentando o número destas redes na comunidade. Atualmente, existem três proprietários de cercos, totalizando oito aparelhagens.

As redes de tainha, tiveram uma queda na sua quantidade de aproximadamente 65%, desde a década de 40 até a década de 90, pelo fato de grande diminuição no volume deste pescado, mesmo nas épocas de safra (apesar de ainda ser “a safra da tainha” um dos períodos mais lucrativos para a pesca da comunidade de Ingleses).

Desde a década de 40, até os dias de hoje, com o uso de novas tecnologias, as redes também sofreram mudanças e aprimoramentos nos fios, que são classificados por números e são hoje mais resistentes. Assim como as embarcações, as redes de pesca mais antigas vão sendo substituídas pelas mais modernas e resistentes.

Os principais tipos de embarcações utilizadas pelos pescadores da comunidade de Ingleses podem ser observados na tabela a seguir.

Tabela 7 – Tipos de embarcações

TIPO DE EMBARCAÇÃO	PERÍODO				
	40/60	60/70	70/80	80/90	90/00
Canoa	45	35	30	28	10
Baleeira	15	10	4	0	0
Bote	0	0	2	12	16
Barco	0	0	0	2	2
Caíque	0	2	3	5	7

Fonte: Levantamento de campo: outubro/2000



Embarcação tipo Canoa



Embarcação tipo bote (motorizado)

Nas décadas de 40 a 60 havia um grande número de embarcações como as do tipo canoas e baleeiras, consideradas embarcações de porte médio. Elas serviam para transportar o pescado para outras localidades, pois eram de maior porte e tinham o recurso da propulsão a vela; a partir da década de 80 os botes motorizados começaram a surgir e predominar sobre as embarcações como as canoas e baleeiras. Esta última, a partir da década de 90, tornou-se inexistente na comunidade.

As canoas ainda resistem ao tempo, pelo fato de, em pescas como as de tainha, serem consideradas pelos pescadores embarcações de fácil manuseio.

O bote, tipo de embarcação muito utilizada no Rio Grande do Sul, surgiu na década de 80, para substituir as canoas e baleeiras e, além de serem embarcações de porte maior e com mais capacidade para transportar o pescado, dão maior segurança aos pescadores, em alto mar. Entre a década de 80 e 90, começa a surgir na comunidade um novo tipo de embarcação que viria a substituir o bote – o barco pesqueiro, que possui capacidade média de 15 toneladas, oferecendo aos pescadores a possibilidade de uma maior autonomia de mar.

Os caíques, são embarcações de pequeno porte (0,3 toneladas), que estão sendo muito utilizados pelos pescadores para conduzi-los até as embarcações de maior porte que ficam em seus ancoradouros. Em décadas anteriores os caíques não eram utilizados, pelo fato de as baleeiras e as canoas não ficarem ancoradas, e sim guardadas em ranchos. Além de transportar os pescadores até as embarcações de maior porte, os caíques também são utilizados para a pesca de fundeio, próxima à praia.

4.5. A comercialização do pescado

Entre as principais espécies de pescado consumidas e comercializadas na praia de Ingleses estão a corvina, anchova, espada e a tainha (na época da safra).

O sistema de comercialização do pescado, na comunidade, é bastante influenciado pela ação de intermediários ou atravessadores, que compram o peixe após a matança e logo após vendem o pescado para o varejista.

Percebe-se uma grande diferença entre o preço do produtor e o preço do consumidor final. O camarada recebe a sua parte na produção, do intermediário (conforme tabela 8) em relação à corvina, por exemplo, o equivalente à R\$ 0,80 por quilo do pescado; o varejista paga para o intermediário R\$ 1,50 por quilo do pescado e repassa ao consumidor final o equivalente à R\$ 2,00. O intermediário acrescenta, então, um total de 87,5% no preço de origem do produto, que até chegar ao consumidor final recebe um acréscimo de 150%. No caso da espada e outros tipos diversos de pescado, considerados “mistura” pelos pescadores, a diferença do preço que chega ao consumidor, em relação ao preço pago aos pescadores, é ainda mais gritante, com um acréscimo de até 400% (o preço sobe de R\$0,30 para R\$1,50 por peça).

Tabela 8 – Preço do pescado na rede de comercialização

VARIÁVEIS	ANCHOVA	CORVINA	ESPADA	OUTROS
Intermediários	1,50	0,80	0,30	0,30
Varejista	2,00	1,50	1,00	1,00
Consumidor	2,50	2,00	1,50	1,50

Fonte: Levantamento de campo: outubro/2000.

O preço que os carreteiros e os caminhões pagam pelo pescado na praia, tomando como exemplo a anchova, é de aproximadamente R\$ 1,50 o quilo. Sendo que, quando o consumidor comum compra o produto diretamente do pescador na praia, ele paga pelo pescado o equivalente à R\$ 2,00 / R\$ 2,50 o quilo.

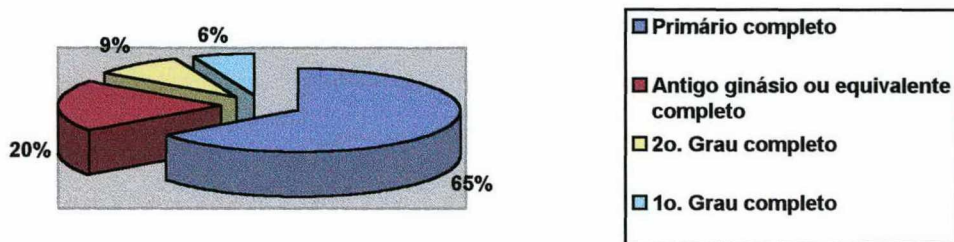
4.6. O perfil dos pescadores da comunidade de Ingleses

Através de um questionário aplicado em 46 pescadores da comunidade, pode-se verificar o perfil dos entrevistados, e também suas opiniões sobre a pesca e a realidade da pesca artesanal como atividade em declínio.

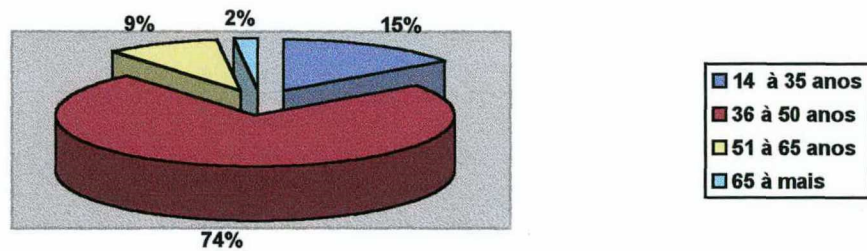
Pelas informações retiradas dos entrevistados, conclui-se que:

- 65% possuem o primário completo; vale dizer que, muitos pescadores da localidade, tem apenas o primário completo. Os moradores relatam as grandes dificuldades por que passaram ao longo das últimas décadas devido à distância que separa o Distrito do centro da cidade e pela precariedade dos meios de transporte, que receberam melhor infra-estrutura, somente com a urbanização do Distrito a partir do final da década de 60 e início de 70; 20% dos pescadores tem o antigo ginásio ou equivalente completo, 6% tiveram contato, porém não terminaram o 1º grau, e apenas 9% possuem o 2º grau completo;

Gráfico 01: Grau de escolaridade dos pescadores de Ingleses



-74% dos pescadores possuem mais que 35 anos. Apenas 7 dos entrevistados possuem menos de 30 anos de idade. Isto significa que a população jovem já não vê mais na pesca uma profissão adequada para obter uma renda. Segundo os pescadores, no início da década de 40, quando a pesca passou a ser a principal atividade econômica na localidade, e não mais a agricultura, os jovens saíam da lavoura e todos se destinavam à atividade pesqueira, mesmo porque era a única opção como fonte de renda mais lucrativa. Em geral, à partir dos 14 anos de idade, os homens saíam da lavoura e começavam à trabalhar na pesca. Este fato explica o número elevado de pescadores com idade entre 36 à 50 anos, sendo que mais de 50% trabalham mais de 15 anos na atividade pesqueira. Alguns trabalham a mais de 40 anos exercendo esta atividade. Os pescadores mais idosos, com mais de 65 anos, vêm diminuído a capacidade de trabalho mais pesado, e passam a executar tarefas mais suaves, dedicando-se a particularidades como a tecitura de redes, consertos, construção de embarcações etc. Contudo, essas tarefas exigem também condições vocacionais de modo que a seleção por idade não se torna processo exclusivo.

Gráfico 02: Faixa etária dos pescadores

- Entre os entrevistados, 83% do efetivo de pescadores, são casados e possuem famílias com 3 a 5 pessoas em média; 76% , possuem também renda proveniente de outras atividades, em geral com aluguéis de imóveis na temporada ou com aposentadorias;

Tabela 09 – Renda dos pescadores

ITEM	%
Renda proveniente de outras atividades	76
Renda proveniente somente da pesca	24

Fonte: levantamento de campo: outubro/2000

- Apenas 2% dos pescadores vivem em casas alugadas ou com seus parentes, os 98% restantes vivem em casa própria, sendo que 28% possuem mais de um imóvel, e a maioria aluga o outro imóvel na temporada ou até mesmo a própria casa, e moram nos ranchos que guardam as embarcações;

Tabela 10 – Moradia dos pescadores

ITEM	%
Casa própria	98
Casa alugada ou de parentes	2

Fonte: levantamento de campo: outubro/2000

- Entre os pescadores entrevistados, 16% possuem automóveis. Dos que tem posse de automóveis, ou são proprietários dos meios de produção pesqueira, ou adquiriram através de outra fonte de renda, ou ainda pela venda de terrenos que tinham como herança.

- Alguns pescadores trabalham em outras atividades, em geral somente na temporada, atuando nos hotéis, bares, restaurantes e casas de veraneio. A oferta de empregos aumenta no verão com o turismo, porém esses empregos são sazonais, e por tempo determinado. Portanto, somente na temporada, e no inverno, a pesca volta a ser a única e principal atividade econômica para os pescadores. Pelo fato de o turismo proporcionar empregos na alta temporada, e de os turistas se tornarem consumidores do pescado capturado, os pescadores alegam ser o turismo positivo, para a pesca na comunidade de Ingleses, assim como para toda a população, até mesmo os que trabalham em outra atividade, e aproveitam o verão para obter uma fonte de renda extra.

- Segundo informações, 87% dos pescadores já trabalharam embarcados na pesca industrial, apenas 13% trabalharam somente na pesca artesanal e 93% dos entrevistados pretendem continuar pescando, pelo fato de a pesca ser a única coisa que sabem fazer e por gostarem de exercer a atividade.

Tabela 11 – Atuação dos pescadores na pesca industrial e na pesca artesanal

ITEM	%
Pescadores que já atuaram na pesca industrial, e hoje atuam na artesanal	87
Pescadores que nunca trabalharam na pesca industrial	13

Fonte: levantamento de campo: outubro/2000

- Pelas grandes dificuldades e incertezas que a pesca artesanal enfrenta atualmente, apenas 6% dos pescadores entrevistados indicariam essa profissão para seus filhos, enquanto a

grande maioria (94%), acha que os filhos devem estudar, para que possam conseguir um emprego que garanta seu futuro e sua sobrevivência;

Tabela 12 – Indicação dos pescadores as gerações futuras para o trabalho na pesca artesanal

ITEM	%
Pescadores que indicariam a pesca para seus filhos	6
Pescadores que indicariam outra profissão para seus filhos	94

- Fonte: levantamento de campo: outubro/2000

- No levantamento de campo, a opinião dos pescadores em relação ao principal problema que a pesca artesanal enfrenta nos dias de hoje foi unânime. Todos responderam nas entrevistas, que a pesca predatória, ou seja, a pesca industrial seria o fator condicionante para o declínio da pesca artesanal. Segundo alguns pescadores, nos meses de julho, agosto e setembro de 2000, foram capturados 3 toneladas de corvina, enquanto os barcos industriais conseguiram capturar no mesmo período aproximadamente 800 toneladas do pescado.

4.7. Relações entre a atividade da pesca e a atividade turística no Distrito de Ingleses

Os pescadores da comunidade de Ingleses acham que a atividade turística reflete positivamente na atividade da pesca, na medida em que o turista torna-se um consumidor de pescado em potencial na alta temporada. Na opinião dos pescadores, uma outra vantagem que o turismo oferece, seria o aluguel de casas que é uma fonte de renda para muitos moradores da comunidade, como já apresentado. Além da oferta de emprego nos bares, hotéis, restaurantes, que o turismo proporciona para os pescadores e os outros moradores.

Contudo, conforme o pescador vai sendo questionado, ele modifica sua opinião em relação às vantagens que o turismo oferece para a pesca, pois começa a perceber que o turismo, aliado à urbanização, por um lado trouxe o desenvolvimento da localidade, com a melhoria das estradas, condições de saúde, meios de transporte, comércio (lojas, supermercados), por outro modificou a estrutura sócio-econômica, alterando muitos valores e costumes do pescador e morador da comunidade. O pescador percebe que vai perdendo seu espaço, sua ocupação, pelo papel modificador exercido pela valorização imobiliária na região.

O desenvolvimento urbano-turístico tem implicado para a população de Ingleses / Santinho, (como também de toda Ilha de Santa Catarina) o fortalecimento de estratégias sociais e ecologicamente predatórias de ocupação urbana. A desestruturação econômica, social e cultural das comunidades tradicionais somam-se a intensificação dos índices de poluição ambiental e o decréscimo da produtividade biológica, inclusive a fauna marinha.

Além de contribuir para a desarticulação do estilo de vida tradicional dos moradores, o desenvolvimento urbano-turístico impõe custos ambientais e amplia também os custos sociais da população.

Em sua dissertação, Ouriques (1996) conclui, que o argumento de que é possível um turismo sustentável, ecologicamente correto e humano em Florianópolis, é completamente falso. Seu objetivo em seu trabalho era descobrir se a tão falada “vocação natural” de Florianópolis para o turismo, era real.

A pesquisa aponta que 975 dos habitantes de Florianópolis são favoráveis à expansão do turismo, embora 33% deles admitam que se sentem prejudicados com isso. Falam de poluição, destruição da natureza, problemas de trânsito e custo de vida. “É a eterna contradição da sociedade capitalista”, diz o autor. A maioria dos entrevistados acha que o Costão do Santinho é uma praia particular. “Na verdade, a democracia do lazer é outra falácia. Aos habitantes é negado o usufruto do seu próprio ambiente”, afirma Ouriques.

Os investimentos turísticos iniciam-se de fato, nos anos 80 em Ingleses, com a compra por grandes empreiteiras de áreas próximas às praias, levando a balnearização da localidade. Atualmente, o crescimento demográfico acelerou seu ritmo com o crescimento da rede hoteleira que, por sua vez, sem o devido tratamento dos detritos, a especulação e valorização dos imóveis, a ocupação desordenada e a falta de planejamento, com a conseqüente falta de infra estrutura e saneamento provocaram problemas sociais e ambientais. Os pescadores que viviam nas praias reproduzindo movimentos e sentimentos, ao tirar peixe do mar, perdem seu espaço e vão se tornando mão-de-obra, na sua grande maioria desqualificada, portanto barata, para o setor turístico.

Atualmente, os investimentos públicos na praia dos Ingleses, caracterizam-se, na maioria das vezes, desvinculados das necessidades da população local, que reclamam hoje por melhores escolas para seus filhos, melhores serviços relativos à saúde pública e postulam por práticas de lazer não restritas à eventual utilização das praias.

Com a pesca artesanal em processo de decadência e extinção, o pescador não vê outra alternativa, se não tornar-se mão-de-obra barata, muitas vezes definitiva, para ser expropriada pelo setor turístico. Com as modificações na estrutura econômica, com a elevação do custo de vida proveniente do desenvolvimento urbano-turístico, principalmente no verão, a comunidade passa a abrigar diversos moradores que se diversificam segundo os perfis de necessidades, e vão se formando diferentes grupos sociais (empresários, empregados, funcionários, autoridades, pescadores, profissionais liberais, estudantes, desempregados, abandonados entre outros).

Em linhas gerais, a ilha de Santa Catarina, desde os anos 60, vem sofrendo um processo de urbanização turística em suas praias, que se iniciou em função da construção de residências secundárias, destinadas aos veranistas da cidade de Florianópolis. A partir daquela época, o turismo passa a ser visto pelos empresários, e Estado como uma nova atividade econômica a ser explorada, capaz de promover o desenvolvimento econômico de Florianópolis e região.

Todavia a Ilha não estava preparada para receber um fluxo de turistas veranistas tão grande em relação à infra-estrutura implantada e os problemas relacionados ao seu desenvolvimento, sem um planejamento específico, passam a concretizar-se

especialmente. Um processo de urbanização acelerada, com fins lucrativos, surge de forma desordenada, desestruturando as comunidades tradicionais e comprometendo os elementos naturais e paisagísticos. Este processo de transformação atinge, em diferentes graus a Ilha toda, mas inicia-se e torna-se mais notável na costa norte, onde se encontra a localidade de Ingleses. No norte da Ilha, estavam as localidades de melhor acessibilidade e de melhores condições naturais, concentrando os maiores e mais adequados balneários para o desenvolvimento do turismo de veraneio.

4.8. A Reserva Biológica Marinha do Arvoredo e a questão da pesca industrial predatória

O Decreto nº 99142 de 12 de março de 1990, criou a Reserva Biológica Marinha do Arvoredo, constituída por um arquipélago que engloba as Ilhas do Arvoredo, das Galés, Deserta e Calhau de São Pedro, além de toda a faixa marinha que as circunda. A Reserva fica localizada no litoral centro-norte catarinense e abriga atividades de pesca, mergulho, turismo, além de oferecer refúgio à diversas embarcações.

As Reservas Biológicas estão relacionadas com a produção, dispersão e emigração de esporos, sementes, ovos, larvas, juvenis e outras formas viventes da fauna e flora. Como prevê o artigo 5º. da Lei nº. 5197 de 3 de janeiro de 1967, nas Reservas Biológicas não permitidas “atividades de utilização, perseguição, caça, apanha ou introdução de espécimes da fauna e flora, silvestre ou domésticos, modificações de qualquer título ao meio ambiente, ressalvadas as atividades científicas devidamente autorizadas pela autoridade competente”.

O artigo 4º. do Decreto de Criação da Reserva Biológica do Arvoredo, assegura a proibição da pesca de indivíduos jovens de qualquer espécie também em sua área de entorno, uma vez que a Reserva apresenta uma diversidade de espécies, com o predomínio absoluto de manjubas e sardinhas que utilizam da Reserva para suas desovas.

Um fato conflitante evidencia a captura de iscas vivas, pelas frotas atuaneiras dentro dos limites da Reserva Biológica do Arvoredo. A ação destas embarcações prejudica o desenvolvimento e o crescimento das espécies juvenis e pós-larvas que se encontram no entorno da reserva, e contribuem ao mesmo tempo para a progressiva diminuição da pesca artesanal na “Praia de Ingleses”, que fica próxima à esta área de preservação, uma vez que os pescadores já não podem mais presenciar a ocorrência dos cardumes de espécies como a sardinha e manjubas presentes em grande número em torno da Ilha, e também de outras espécies como bonitos, olhetes, garoupas, badejos, peixe-borboleta, robalos, peixe-porco entre outros.

Segundo os pescadores da comunidade de Ingleses, além de capturar as espécies juvenis para utilizar como isca-viva na pesca do atum, os atuaneiros, como também as traineiras, capturam (principalmente em época de safra), a anchova, a corvina, a tainha, os principais pescados que alimentam a pesca na região.

4.9. A pesca no distrito de Ingleses inserida no modo de produção capitalista: uma síntese

A pesca moderna foi o resultado do capital e de seu movimento. Ela implicou o afastamento dos produtores diretos – os pequenos pescadores – de suas condições naturais de produção, de suas áreas de pesca, de seus instrumentos de trabalho e de suas comunidades pesqueiras espalhadas ao longo do litoral. Progressivamente os pescadores artesanais, ligados em princípio ao meio rural, vão sendo urbanizados. Essa urbanização significou a separação das condições primitivas de produção – a terra, a agricultura – e o surgimento de um estrato social, o de pescadores artesanais portadores de uma profissão, de uma certa visão de mundo ligado às coisas do mar. Concomitantemente, o surgimento das traineiras para a pesca da sardinha, que possibilitava um volume de produção maior e mais contínuo, passou a incorporar aquela força de trabalho que, por não possuir capital suficiente para a compra de equipamentos de pesca, não teve outra alternativa senão, vender sua força de trabalho, atuando como tripulante dos barcos das grandes empresas. Portanto, a mecanização e alterações nas técnicas de captura, inseridas no contexto de

desenvolvimento das forças produtivas na atividade pesqueira, se refletiram também na organização da mão-de-obra.

A introdução das relações sociais de produção capitalista na pesca se dá com a separação efetiva do pescador e os meios de produção e pela introdução do maquinismo. O trabalhador direto torna-se então, cada vez mais explorado pelos proprietários.

Dentro desta realidade de desenvolvimento das forças produtivas da pesca e de concentração do capital, particularmente a comunidade de pescadores do distrito de Ingleses, também se integra nesse processo de transformação das relações de produção dentro do contexto do modo de produção capitalista.

O fato de a pesca ter se tornado a principal atividade econômica, na comunidade de Ingleses, na década de 40, e não mais a agricultura, o desenvolvimento de novas tecnologias, o desenvolvimento urbano-turístico aliado à especulação imobiliária que fez diminuir o espaço do pescador, todos estes fatores refletem a evolução e a realidade da pesca artesanal na comunidade de Ingleses, dominada pelo capital e destruída paralelamente à ascensão da pesca empresarial-capitalista. Esta se torna cada vez mais predatória, mas ainda depende das condições naturais e biológicas (apesar de ter grande controle da produção na medida em que possui os aparelhos mais sofisticados) para sua reprodução, que ela própria destrói.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesca industrial são utilizadas embarcações de mais de 20 toneladas, que são em geral de grande porte, e tem grande raio de ação e autonomia de mar.

A nível mundial, como também no Brasil, (principalmente nas regiões sul e sudeste, onde a atividade pesqueira mais se desenvolveu), devido principalmente as transformações tecnológicas, a pequena pesca mercantil (pesca artesanal) perde seu espaço para a grande pesca industrial, que vai se tornando cada vez mais predatória .

A atividade pesqueira, contudo, era exercida desde as sociedades primitivas, até mesmo antes da agricultura, mas tornou-se importante como atividade econômica, somente quando se desenvolveu a comercialização do pescado, e sofreu um grande avanço e muitas modificações nas relações de produção, devido às transformações técnicas ocorridas na captura e na industrialização do pescado.

A partir das transformações tecnológicas, a figura do pescador é agora bem destacada, quando este passa a se dedicar exclusivamente à pesca e a tem como principal atividade econômica geradora de fonte de renda, e que ainda garante a sua subsistência.

Com o desenvolvimento da atividade pesqueira, dado pelas transformações técnicas ocorridas no setor, o pescador se separa dos meios de produção, e o possuidor desses meios de produção, o não-trabalhador explora a força de trabalho do pescador-trabalhador direto, dominado pelo capital.

Na medida em que se desenvolvem as forças produtivas no setor pesqueiro, dentro de um processo de concentração do capital, a pesca artesanal vai desaparecendo gradativamente, e a mão-de-obra liberada pela pesca artesanal é explorada como força de trabalho nas grandes indústrias de pesca.

Paralelamente à exploração da força de trabalho, ocorre a destruição das forças produtivas da natureza pela pesca predatória industrial. A introdução do maquinismo e de técnicas avançadas aumentou o poder predatório da pesca industrial que com seus aparelhos e embarcações sofisticados contribuíram para o desaparecimento de inúmeras espécies de pescado, atingindo assim diretamente os pequenos pescadores, que com seus equipamentos pouco modernizados e com suas embarcações de pouca autonomia de mar, tiram da pequena pesca, o seu próprio sustento e de suas famílias.

A pesca industrial, ou a pesca empresarial-capitalista, portanto, contribui para a decadência da pequena produção mercantil, onde o pescador é dono dos meios de produção e tem controle do processo de trabalho, com reduzida divisão do trabalho e fraco desenvolvimento das forças produtivas. A pesca capitalista impõe as condições de produção e reprodução da atividade pesqueira, promovendo a exploração do pequeno pescador, para obtenção de lucro do capitalista.

Em Santa Catarina, a atividade pesqueira surgiu também como atividade complementar à agricultura, e era exercida pelos colonizadores portugueses como economia de subsistência. Os colonizadores fixaram-se no litoral catarinense no século XVII, nas regiões de São Francisco do Sul, Laguna e Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis.

Com as dificuldades na agricultura, que requeria técnicas e conhecimentos do mundo tropical, os colonos açorianos passam a exercer a pesca, como principal atividade econômica. A pesca da baleia era a mais exercida e abundante na época da colonização, daí a origem das embarcações denominadas baleeiras. Portanto, os colonizadores açorianos tiveram grande influência na atividade da pesca, nos costumes e valores da população de Santa Catarina.

A produção de pescado, em Santa Catarina, tem sofrido relativa diminuição na quantidade desembarcada no Estado, tanto na pesca industrial, que sentiu um forte empobrecimento nas suas grandes empresas, como na pesca artesanal, cada vez em declínio.

As espécies de moluscos e crustáceos, sobressaem sobre o volume de peixes na produção da pesca artesanal catarinense, sendo que na pesca industrial o que predomina é o volume de peixes, destacando como principal pescado a Sardinha-verdadeira.

Em Santa Catarina, uma modalidade em plena ascensão na pesca industrial é a pesca de atuns, considerada bastante produtiva, sendo sua produção totalmente voltada para a exportação, e o principal insumo utilizado é a isca-viva (juvenil de sardinhas). Esta prática tem gerado descontentamento e conflitos no setor pesqueiro em função do impacto ecológico e do descumprimento da legislação que proíbe a captura de indivíduos jovens.

A produção da pesca artesanal catarinense é totalmente voltada para o mercado interno, já na pesca industrial somente 10% do total desembarcado é destinado ao mercado interno. A comercialização do pescado na pesca artesanal ocorre principalmente na forma “in natura” onde o produtor vende o peixe diretamente ao consumidor, e é feita através de negociações diretas entre o proprietário da embarcação e o comprador, conhecido como atravessador ou pombeiro.

O regime de trabalho na pesca artesanal é o de parceria, sem vínculo empregatício. A distribuição da renda final do período de pesca é feita de acordo com as partes que cabem a cada pescador.

A pesca artesanal está desaparecendo gradativamente nas comunidades pesqueiras catarinenses. O pescador artesanal que trabalha em pequenas embarcações vive marginalizado, sem nenhum incentivo, tendo dificuldade na comercialização do seu pescado, e dependente economicamente dos “atravessadores”.

A pesca caracterizada artesanal na comunidade de Ingleses, na região norte de Florianópolis-SC, recebeu grande influência da cultura açoriana que transferiu para a população da região valores culturais, apetrechos de pesca, técnicas de captura do pescado, que estão presentes ainda nos dias atuais dos pescadores da Praia dos Ingleses.

Até a década de 40, a população do distrito vivia praticamente isolada do centro da cidade e sem nenhuma infra-estrutura. A partir do final da década de 60, e início da década de 70, a comunidade passa por um processo de transformação local, com o

desenvolvimento sócio-econômico, através do crescimento dos serviços de infra-estrutura, e com isso a atividade turística também se intensifica na localidade. Essas transformações contribuem para o crescimento do efetivo populacional e para a modificação no modo de vida dos moradores do Distrito de Ingleses. Paralelamente a atividade pesqueira, com o surgimento de novas atividades econômicas promovidas pelo crescimento do turismo e do setor de serviços na região, entra em declínio e já não é mais a principal atividade econômica.

A pesca artesanal em Ingleses, com a urbanização, sofre modificações e diminuição dos meios de produção tradicionais (canoas, botes, ranchos etc.). Com o aumento na quantidade de casas e hotéis, destinados ao uso residencial no verão, a Praia dos Ingleses passa a refletir um novo padrão de ocupação, voltado para a atividade turística.

O processo de comercialização do pescado na comunidade dos pescadores de Ingleses é bastante influenciado pela ação dos intermediários ou atravessadores, e pode-se perceber uma grande diferença entre o preço do produtor e o preço do consumidor final, justamente pela ação dos atravessadores que pagam um preço mínimo pelo pescado na praia, e repassam aos varejistas um preço bem mais elevado.

Os pescadores do Distrito de Ingleses possuem, em sua maioria, pouca instrução, e idade média de 35 anos, o que significa que sobrevivem da pesca a mais de 20 anos pois começaram a exercer a atividade desde os 15 anos de idade, segundo a pesquisa de campo realizada.

Eles vivem somente da pesca, tendo como fonte de renda alternativa o aluguel de casas na temporada de verão, ou ainda os empregos informais oferecidos pelo turismo também durante a alta temporada. O pescador de Ingleses tem a atividade turística como fator positivo para a pesca, uma vez que os turistas tornam-se clientes potenciais durante o verão e também pelos empregos que o turismo proporciona para os pescadores e moradores. Porém muitos, quando questionados, modificam sua opinião sobre a influência que esta atividade exerce sobre a pesca e percebem que vão perdendo seu espaço, sua ocupação, e passam a ver o desenvolvimento urbano-turístico fator condicionante para a

desestruturação econômica, social e cultural da comunidade, além de contribuir para a poluição ambiental e diminuição da produtividade biológica.

Outro fato conflitante para os pescadores artesanais da Praia de Ingleses, se refere à ação das embarcações industriais de grande porte que capturam espécies juvenis para utilizar como iscas-vivas, e capturam também os principais pescados que alimentam a pesca artesanal da localidade, prejudicando cada vez mais o seu desenvolvimento.

O pequeno pescador de Ingleses, tendo sua produção suprimida pela pesca moderna, e separado dos seus meios de produção, tendo suas condições naturais de produção, seus costumes e valores modificados pela urbanização, seu espaço diminuído diante das transformações ocorridas na região, se vê marginalizado, diante de um futuro pouco promissor e bem próximo, sem nenhuma expectativa de sustentabilidade econômica da pesca artesanal, ameaçada de desaparecimento perante os avanços da pesca industrial, que com seu poder predatório torna cada vez mais escassa a pequena fauna marinha ainda existente, fonte de renda e de subsistência para o pequeno pescador. Para este, resta apenas o seu conhecimento tradicional da pesca, passado de geração em geração, e que não vê outra oportunidade de trabalho para garantir o sustento de sua família, e sua sobrevivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AEP-MA – Associação dos Engenheiros de Pesca Maranhão: IX Congresso Brasileiro de Engenharia de Pesca. São Luiz – Maranhão. Set. 1995. 46p.

BAILLON, Marco Aurélio; GAMBA, Manoel da Rocha. *Ciclo de palestras sobre assuntos pesqueiros – tecnologia da pesca*. SEMAN / IBAMA / DIRPED / CEPSUL. Itajaí-SC. Junho. 1992.

BECK, Maria Ana. Comunidades pesqueiras e expansão capitalista. In: *O mar e seus recursos*. Florianópolis: UFSC, 1983.

CARDOSO, Ricardo de Deus. *Considerações sobre a pesca da sardinha verdadeira em Santa Catarina*. Florianópolis. Maio. 1980. 20p.

COSTA, Sérgio Winckler da.; GRUMANN, Astor; NETO, Francisco Manoel de Oliveira; ROCKZANSKI, Mauro. *Cadeias produtivas do Estado de Santa Catarina: aquíicultura e pesca*. Florianópolis: EPAGRI, 1998.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983. 287p.

DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1963. 396p.

FERREIRA, Francisco A. Carneiro (1992). *Turismo e desenvolvimento urbano: avaliação do impacto socioambiental da atividade turística na Ilha de Santa Catarina. Estudo de caso do projeto Jurerê Internacional*. Florianópolis, UFSC. (dissertação de mestrado em Sociologia Política).

LAGO, Mara (1993). *Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário*. Florianópolis, UFSC. (dissertação de mestrado em antropologia).

LAGO, Paulo Fernando de Araújo (1961). *Contribuição geográfica ao estudo da pesca em SC*. RJ. 215p.

LAGO, Paulo Fernando. *Comunidades pesqueiras de SC*. RJ. 1968. 121p.

LEITE, Paulo César. *A pesca artesanal no município de Palhoça*. Florianópolis, jun. 1995. Monografia de Graduação em Ciências Econômicas, UFSC.

LOCH, Carlos Antônio de Azambuja; NARA, Jaime José; REIS, Antônio Carlos Konder. *Pesca artesanal. "Coletânea de proposições para manutenção e desenvolvimento da pesca artesanal"*. Florianópolis, 1978.

MENCIA, Francisco Morales. *Avaliação da indústria pesqueira brasileira, capacidade, produção e mercado*. Brasília: PPD Pesqueira do Brasil, 1976. 271p.

MORETO, Neto Luis (1987). *A atividade turística e o desenvolvimento sustentado. Estudo de caso: o balneário de Ingleses e o projeto Costa Norte*. Florianópolis: UFSC. (dissertação de mestrado em geografia).

NETO, Eduardo Barroso. *Resgate da memória e otimização construtiva dos meios de produção na pesca artesanal no litoral sul brasileiro*. IBAMA-Itajaí (1990).

OLIVEIRA, Jairo Melo de. *Influência da atividade turística na pesca artesanal em Garopaba*. Florianópolis. Out. 1998. Monografia de Graduação em Ciências Econômicas, UFSC.

OURIQUES, Helton Ricardo (1996). *Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna*. Florianópolis, UFSC.

PROCHNOV, Norberto de Jesus. *Um breve passeio de volta no tempo. Histórico do meio-ambiente: Ingleses- Santinho*. São José, 1999.

RIBEIRO, Marcelo Rodrigues; SPECK, Camila. *Avaliação da importância da reserva biológica marinha do Arvoredo como área de desova e criação de recursos ícticos*. Itajaí (1998).

RODRIGUES, Ana Maria Torres. *Proteção e controle de ecossistemas costeiros: manguezal da Baía de Babitonga / Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis*. Brasília: IBAMA, 1998. 146p.

ROTHSCHILD, Brian J. *A pesca: seus recursos e interesses nacionais*. São Paulo: IBRASA, 1975. 305p.

SANCHEZ, Maria de Nazaré de Matos. *II Workshop regional sul sobre o mar: repensando o mar para o século XXI*, UFSC (1998).

SANTOS, Manoel Ivaldi dos. *Município de Palhoça (SC): análise da pesca artesanal e da estrutura econômico-social*. Florianópolis, out. 1998. Monografia de Graduação em Ciências Econômicas, UFSC.

SILVA, Célia Maria e. *Ganchos (SC): ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira*. Florianópolis, 1992. Editora UFSC. 197p.

ANEXOS

ANEXO 01:

I – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PESCADORES

1. Grau de escolaridade:
2. Idade:
3. Estado civil:
4. Número de filhos:
5. Tamanho da família:
6. Possui outra fonte de renda:
7. Possui casa própria:
8. Possui mais de um imóvel:
9. Aluga casa na temporada de verão:
10. Possui veículo:
11. Trabalha há quanto tempo na atividade de pesca:
12. Já trabalhou embarcado:
13. Exerce outra atividade:
14. Possui filhos trabalhando na pesca:
15. Indicaria a pesca como profissão para seu filho:
16. O que acha do turismo para a pesca:
17. Qual o principal problema que a pesca artesanal enfrenta atualmente: